

Técnicas de substituição e supressão dos clíticos no português do Brasil

de

Kaja Rindal Bakkejord

Masteroppgave i portugisisk språk

Veileder:

Kåre Nilsson

ILOS, HF, UiO

Vår 2008

RESUMO

Neste trabalho se estudaram as técnicas de substituição ou supressão do clítico no português do Brasil (PB), ou seja, as estratégias às quais se recorrem para evitar o uso do clítico, tanto do objeto direto (OD) como do objeto indireto (OI). A substituição ou supressão do clítico pode considerar-se um dos fenômenos mais característicos do PB frente às outras variedades da língua portuguesa. No entanto, parece existir uma forte relutância por parte das gramáticas tradicionais e pela parte “cultura” da sociedade brasileira em aceitar esta tendência como parte da norma do PB.

Os objetivos do presente estudo podem ser resumidos da seguinte maneira:

- Descrever as diferentes técnicas de substituição ou supressão encontrados num corpus constituído por textos em PB escrito, representativos de diferentes gêneros estilísticos (comunicação textual na internet, textos jornalísticos e textos ficcionais) e discursos ou registros lingüísticos.
- Fazer uma análise quantitativa da distribuição das seguintes três variantes/técnicas nos textos do corpus: 1) o clítico 2) a substituição do clítico por um pronome tônico e 3) a supressão do clítico, segundo fatores morfológicos, sintáticos, semânticos e estilísticos ou discursivos.
- Refletir sobre o fenômeno de substituir ou suprimir o clítico no PB num nível mais geral, discutindo temas tais como mudança e variação lingüística e a relação entre norma e uso no PB atual.

Os resultados da análise e as observações feitas neste estudo, mostram que, embora os clíticos (com umas poucas exceções) ainda estejam longe de desaparecerem por inteiro do PB, a tendência de evitar os clíticos a favor de outras variantes (ou seja: das técnicas de substituição ou supressão), se vai manifestando com força em todos os registros da língua – em especial na língua coloquial ou espontânea, mas também em registros mais formais. Isto pode, por sua vez, indicar que os pronomes clíticos focalizados não fazem parte cognitiva do registro comunicativo espontâneo dos brasileiros, e que por isso seria natural, a meu ver, aceitar também as alternativas ao clítico, ou seja, as técnicas de substituição ou supressão, como parte da norma do PB.

En stor takk

*til min veileder Kåre Nilsson, som har vært en utmerket støtte og inspirasjon
gjennom hele arbeidet med denne oppgaven.*

ÍNDICE

0. INTRODUÇÃO.....	8-11
0.1. OBJETIVOS DO PRESENTE TRABALHO.....	8
0.2. HIPÓTESES.....	9
0.3. BASE TEÓRICA	10
0.4. O CORPUS.....	10
0.4.1. Porque estudar a língua escrita?.....	10
0.5. MÉTODO E ANÁLISE.....	11
I. TEORIA E REFLEXÃO	
1. BASE TEÓRICA.....	12-21
1.1. O QUE SE ESTUDA?.....	12
1.1.1. Os clíticos.....	12
1.1.1.1. Os pronomes reflexivos e recíprocos.....	13
1.1.2. As técnicas de substituição ou supressão do clítico...14	
1.1.2.1. A substituição do clítico por um	
pronome tônico.....	14
1.1.2.2. A supressão do clítico.....	15
1.1.2.3. As formas contraídas.....	16
1.1.2.4. Outras técnicas de substituição ou supressão	
estudadas.....	16
1.1.3. Terminologia: Substituição e supressão vs. perda.....	17
1.2. LITERATURA NORMATIVA E ESTUDOS PRÉVIOS	
SOBRE O TEMA.....	18
1.2.1. O quê dizem as gramáticas tradicionais?.....	18
1.2.2. Estudos já realizados sobre a problemática do	
clítico no PB.....	20
1.2.2.1. Exemplos de estudos que focalizam	
a língua escrita.....	21

2. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE	
A PROBLEMÁTICA ESTUDADA.....	22-27
2.1. A SUBSTITUIÇÃO OU SUPRESSÃO DO CLÍTICO	
NO PB: O QUÊ É E DE ONDE VEM ESTE FENÔMENO?.....	22
2.1.1. Origens possíveis da tendência de evitar o clítico	
no PB: Mudanças ou reminiscências?.....	22
2.2. VARIAÇÃO E NORMA LINGÜÍSTICAS	
NO PB ATUAL.....	24
2.2.1. Língua escrita vs. língua falada.....	24
2.2.2. Língua culta vs. língua coloquial.....	26
2.2.3. Norma vs. uso.....	27
II. ANÁLISE E RESULTADOS	
3. CORPUS, MÉTODO E PARÂMETROS.....	30-44
3.1. O CORPUS: APRESENTAÇÃO E JUSTIFICAÇÃO.....	30
3.1.1. Categorização.....	30
3.1.2. Justificação da escolha de textos.....	31
3.1.3. Os textos analisados	31
3.1.3.1. Comunicação textual na internet.....	32
3.1.3.2. Textos jornalísticos.....	32
3.1.3.3. Textos ficcionais.....	33
3.2. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS.....	33
3.2.1. A construção do corpus.....	33
3.2.1.1. A internet como fonte de pesquisa.....	33
3.2.2. A compilação e organização dos dados.....	34
3.3. PARÂMETROS PARA A ANÁLISE	
QUANTITATIVA: APRESENTAÇÃO, EXPLICAÇÃO	
E EXEMPLOS.....	34
3.3.1. Variantes/técnicas.....	35
3.3.2. Fatores/parâmetros morfológicos.....	35
3.3.2.1. 1ª pessoa.....	36
3.3.2.2. 2ª pessoa/3ª pessoa em função de 2ª	37

3.3.2.3. 3ª pessoa.....	38
3.3.3. Fatores/parâmetros sintáticos.....	40
3.3.3.1. <i>A estrutura sintática</i>	40
3.3.3.2. <i>O contexto sintático do OD</i>	41
3.3.3.3 <i>As formas contraídas (OI+OD)</i>	42
3.3.3. Fatores/parâmetros semânticos: O traço semântico do OD.....	42
3.3.4. Fatores/parâmetros estilísticos ou discursivos.....	43

4. RESULTADOS DA ANÁLISE QUANTITATIVA:

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS.....45-61

4.1. DISTRIBUIÇÃO DAS VARIANTES/TÉCNICAS

SEGUNDO FATORES MORFOLÓGICOS.....45

4.1.1. Distribuição das variantes/técnicas

segundo pessoa e numero gramatical.....45

4.1.1.1. 1ª pess.45

4.1.1.2. 2ª pess./3ª pess. em funç. de 2ª46

4.1.1.3. 3ª pess.46

4.1.2. Distribuição das variantes/técnicas segundo

o gênero gramatical do OD.....48

4.2. DISTRIBUIÇÃO DAS VARIANTES/TÉCNICAS

SEGUNDO FATORES SINTÁTICOS.....49

4.2.1. Distribuição das variantes/técnicas segundo

o contexto sintático do OD.....50

4.2.2. Distribuição das variantes/técnicas nos casos em que no PE escrito seria natural utilizar as formas contraídas...

4.3. DISTRIBUIÇÃO DAS VARIANTES/TÉCNICAS

SEGUNDO FATORES SEMÂNTICOS.....52

4.3.1. Distribuição das variantes/técnicas

segundo o traço semântico do OD (3ª pess.).....52

4.4. DISTRIBUIÇÃO DAS VARIANTES/TÉCNICAS

SEGUNDO FATORES ESTILÍSTICOS OU DISCURSIVOS.....54

4.4.1. Distribuição das variantes/técnicas nos textos do corpus que representam a língua espontânea/coloquial.....	59
4.4.2. Distribuição das variantes/técnicas de substituição ou supressão nos textos que representam a língua formal/culta.....	60
5. OBSERVAÇÕES E COMENTÁRIOS ADICIONAIS.....	62-71
5.1. TÉCNICAS DE SUBSTITUIÇÃO OU SUPRESSÃO QUE NAO FORAM INCLUÍDOS NA ANÁLISE QUANTITATIVA.....	62
5.1.1. A substituição do clítico do OD por um pronome demonstrativo.....	62
5.1.2. Outras possíveis técnicas de substituição ou supressão encontradas no corpus.....	63
5.2. CASOS DE SUPRESSÃO DE SINTAGMAS INTEIROS – SERÁ QUE SE TRATA DE UMA EXTENSÃO DO FENÔMENO DE SUPRIMIR O CLÍTICO?.....	65
5.2.1. O caso do verbo <i>gostar</i>	67
5.3. VACILAÇÃO E INCONSEQÜÊNCIAS FONÉTICAS, ORTOGRÁFICAS E SINTÁTICAS RELACIONADAS AO USO DO CLÍTICO NO PB.....	68
5.3.1. A substituição dos clíticos <i>me</i> e <i>te</i> pelas formas <i>mim</i> e <i>ti</i>	69
5.3.2. Vacilação entre o uso e a substituição ou supressão do clítico.....	70
6. CONCLUSÕES FINAIS.....	72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	73-75

0. INTRODUÇÃO

A *substituição* e *supressão* dos pronomes pessoais átonos, também chamados de *clíticos* por sua posição em relação ao verbo, pode considerar-se um dos fenômenos mais característicos do português do Brasil (daqui em diante designado como PB) face às outras variedades da língua portuguesa. Este fenômeno já se manifestou na língua falada do Brasil, e parece que se vai manifestando também em certos registros da língua escrita. No entanto, as gramáticas tradicionais, onde as *normas* da língua escrita são definidas e formuladas, parecem seguir rejeitando – e até ignorando – a tendência tão dominante em grande parte do PB que é a substituição e supressão do clítico, em favor de uma versão “abrasileirada” das normas da língua “padrão” – o português europeu (daqui em diante designado como PE) – no que diz respeito ao emprego dos clíticos. Espero que este trabalho, ao estudar as *técnicas de substituição ou supressão* do clítico tanto qualitativa- como quantitativamente, e ter por base um corpus representativo de gêneros, discursos e registros diferentes do PB na sua manifestação escrita, possa contribuir a esclarecer aspectos até agora pouco estudados da problemática em questão. Deste modo, espero também mostrar por que as *alternativas ao clítico* (ou seja as técnicas de substituição ou supressão) merecem ser aceitas e incluídas como parte da norma do PB ao pé de igualdade com os próprios clíticos.

0.1. OBJETIVOS DO PRESENTE TRABALHO

O objetivo principal deste trabalho foi o de entrar no fundo do fenômeno de substituir e suprimir o clítico no PB e dar uma visão o mais integral possível do que é realmente este fenômeno tão característico do PB frente às outras variedades da língua portuguesa. O foco principal foram as técnicas de substituição e supressão, ou seja, as diferentes estratégias às quais se recorrem para evitar o emprego do clítico na realização do objeto direto (daqui em diante designado como OD) e do objeto indireto (daqui em diante designado como OI) no PB. Com a análise de textos representativos de diferentes gêneros, discursos e registros da expressão escrita do PB, espero determinar a distribuição e extensão das técnicas de substituição e supressão do clítico em comparação com a distribuição e extensão do emprego do clítico. Numa perspectiva mais ampla, espero que este estudo, ao focalizar as técnicas de substituição e supressão dentro do contexto de diferentes registros da língua escrita, contribua a iluminar o fato de a substituição e supressão do clítico já não ser apenas um fenômeno da fala coloquial

do Brasil, mas sim um fenômeno que se vai estabelecendo também em outros registros da língua, tanto da fala como da escrita.

Não foi a minha intenção com este estudo dar respostas definitivas, mas espero poder dar uma idéia mais nítida de qual é a direção em que o PB (em especial na sua manifestação escrita) está indo, no que diz respeito à substituição e supressão dos clíticos. A meu ver, a questão não é se a *realidade* concorda ou não com o que as gramáticas tradicionais definem como tal no que diz respeito ao fenômeno em questão, mas sim: quão profundo está o “abismo” entre a língua que se usa no dia-a-dia no Brasil, e a que é descrita nas gramáticas tradicionais. Espero, com este estudo, entrar mais ao fundo desta relação, e se com este aprofundamento possa contribuir a esclarecer – ou pelo menos pôr em relevo – esta problemática, seria cumprir uma grande parte do objetivo desta tese.

Também foi a minha intenção neste trabalho refletir um pouco sobre os fatores históricos e socioculturais que juntos formam o “pano de fundo” de fenômenos tais como a substituição e supressão do clítico, discutindo em especial as questões em relação à mudança, variação e norma lingüísticas, já que estas questões são inevitáveis para qualquer estudioso que se ocupe com os fenômenos da língua portuguesa no Brasil. Neste caso a questão seria: porquê o PB – especialmente no que diz respeito ao sistema pronominal e a substituição e supressão do clítico – fica tão dividido entre o que a maioria dos brasileiros considera uma maneira correta e aceita de manejar a sua língua, e o que os GTs definam como a única e indisputável realidade?

0.2. HIPÓTESES

Num nível geral, a minha hipótese é que a substituição e supressão do clítico já se manifestou com força significativa nos registros mais informais ou *coloquiais* da língua escrita (igual ao que é a situação na maioria dos registros da língua falada) e que também existem *exemplos* da substituição e supressão do clítico em registros considerados formais, o que a sua vez pode *indicar* que a tendência de substituir e suprimir o clítico também se vai manifestando nos registros mais formais da língua escrita. No que diz respeito às *técnicas de substituição e supressão*, a minha hipótese é que os clíticos que se substituem e suprimem com mais frequência são – de acordo com o que é a conclusão da maioria dos estudos já realizados sobre o tema – os clíticos da 3ª pessoa do OD. No entanto, a minha suposição é que também a substituição e supressão

dos clíticos da 1^a e 2^a pessoa do OD e dos clíticos do OI, acontece com bastante frequência – o que não parece ser enfatizado em outros estudos sobre esta problemática.

0.3. BASE TEÓRICA

A base teórica deste estudo é constituída por uma seleção representativa de literatura normativa sobre a língua portuguesa (mais especificamente de gramáticas tradicionais, que daqui em diante serão designadas como GTs), por literatura sobre a história da língua portuguesa em geral e do PB em especial, e também por vários estudos prévios sobre a problemática do clítico no PB. As GTs servem, mais que tudo, como *pontos de referência*, tanto para a análise do corpus, como para as diferentes discussões apresentadas acerca do tema em questão.

0.4. O CORPUS

O corpus que serve de base para a análise realizada neste estudo é constituído por textos do PB escrito contemporâneo, representativos de uma variedade de gêneros estilísticos, discursos e registros. Os textos são escritos entre os finais do séc. XX e o presente, e constitui uma quantidade total de aproximadamente 600 páginas. Para a compilação dos textos do corpus se utilizaram duas fontes diferentes: 1) a internet e 2) trechos de dois romances de autores brasileiros contemporâneos. Os textos encontrados na internet foram tirados ou de jornais e revistas brasileiras “on-line”, ou de “blogs” e foros de comentários e debate. Os dois romances estudados são: *A grande arte* de Rubem Fonseca (1983) e *O sorriso do lagarto* de João Ubaldo Ribeiro (1989).

0.4.1. Porque estudar a língua escrita?

Tal vez estranha um pouco a opção por um corpus de textos em língua escrita, já que o objeto de estudo é um fenômeno que principalmente caracteriza o PB falado. As razões pelas quais optei por incluir só textos da língua escrita no corpus, foram, em parte, práticas; se fosse estudar a língua falada diretamente significaria um trabalho demasiado moroso e difícil dentro do âmbito deste projeto. Outra razão foi o fato de a manifestação escrita do PB a vários níveis ser pouco estudada e documentada tanto no que se refere à substituição e supressão dos clíticos como a outros fenômenos do PB, o que faz esta parte da língua ainda mais interessante como objeto de estudo. No entanto, seria interessante comparar os resultados da análise apresentada no presente trabalho com os de futuros estudos que focalizem a língua falada a diferentes níveis, obtendo assim uma

idéia ainda mais completa da verdadeira extensão do fenômeno de substituir e suprimir o clítico no PB.

0.5. MÉTODO E ANÁLISE

O método utilizado para verificar se as técnicas de substituição ou supressão do clítico realmente se estão manifestando também na língua escrita, e, portanto, em alguns dos registros mais formais do PB, foi a análise de um corpus de textos representativos de vários gêneros, registros e discursos da língua escrita. O corpus foi dividido em três categorias principais e seis subcategorias, as categorias principais representando diferentes gêneros estilísticos (comunicação pela internet, textos jornalísticos e textos ficcionais), e as subcategorias representando diferentes registros ou discursos dentro das categorias principais.

As duas técnicas de substituição ou supressão mais comuns: 1) a substituição do clítico por um pronome tônico e 2) a supressão do clítico (também designado como *objeto nulo*), foram analisadas quantitativamente, segundo critérios morfológicos, sintáticos, semânticos e estilísticos. Também se analisou a distribuição e extensão do emprego do clítico nos textos do corpus, as quais depois foram comparadas com a distribuição e extensão das técnicas de substituição ou supressão analisadas. Também foram identificados, analisados e discutidos exemplos de outras *possíveis* técnicas de substituição e supressão – tanto do clítico como de outros elementos, tais como sintagmas nominais (daqui em diante designado como SN) inteiros em função de OD ou de OI, sintagmas adjetivos (daqui em diante designado como SAdj) e sintagmas adverbiais (daqui em diante designado como SAdv), entre outros.

I. TEORIA E REFLEXÃO

1. BASE TEÓRICA

1.1. O QUE SE ESTUDA?

O foco principal desta tese está nas *técnicas de substituição ou supressão* do clítico, e na distribuição e extensão destas na manifestação escrita do PB a vários níveis. É um fato conhecido tanto entre estudiosos como entre falantes do PB, que o fenômeno de substituir ou suprimir o clítico já se manifestou e se integrou nesta variante da língua portuguesa. Antes de mais nada é importante lembrar que as *técnicas* estudadas aqui não são necessariamente as únicas técnicas de substituição ou supressão utilizadas no PB atual. Possivelmente existem muitas ainda que não se chegou a descobrir nesta análise. No entanto, com a análise quantitativa das duas técnicas de substituição e supressão definitivamente mais comuns no PB; 1) a substituição do clítico por um pronome tônico e 2) a supressão do clítico (também designado como *objeto nulo*), e com a identificação de e discussão sobre varias outras técnicas encontradas, espero dar uma idéia tanto da extensão do uso das diferentes técnicas, como da imensa variação no uso e invenção destas, já que num modo geral, os brasileiros parecem tentar evitar o uso dos clíticos – como veremos – tanto do OD como do OI, de qualquer forma possível, resultando num número impressionante de soluções diferentes para o “problema”.

Neste primeiro capítulo, se começará por esclarecer quais são os clíticos, e quais são as técnicas de substituição ou supressão estudadas neste trabalho. Depois se apresentará e se discutirá o que dizem alguns GTs e manuais de língua portuguesa sobre o emprego (e a evitação) dos clíticos no PB, e também se darão alguns exemplos de estudos já realizados sobre o tema.

1.1.1. Os clíticos

Os clíticos são os pronomes pessoais átonos *me, te, se, nos, a(s), o(s) e lhe(s)*. Os clíticos *me* e *te* se utilizam para designar, respetivamente, a 1^a e a 2^a pessoa do singular, tanto do OD como do OI. Para designar a 1^a pessoa do plural, tanto do OD como do OI, se utiliza o clítico *nos*. A 2^a pessoa do plural representa um caso especial, já que o clítico originalmente utilizado para designar esta categoria do OD ou do OI, o clítico *vos*, já está fora de uso no PB (mas ainda se utiliza no PE). Para designar a 2^a pessoa do

plural, se utiliza então os clíticos da 3ª pessoa do plural *os* e *as* no caso do OD, e o clítico de 3ª pessoa do plural *hes* no caso do OI (nos casos em que o clítico de fato é empregado). Também se utilizam os clíticos da 3ª pessoa do singular (*o* e *a* no caso do OD, e *lhe* no caso do OI) em contextos mais formais, para designar a 2ª pessoa do singular. (Na análise do corpus a 2ª pessoa e a 3ª pessoa em função de 2ª, tanto do OD como do OI, são analisados juntos.) Os clíticos de 3ª pessoa do singular ou do plural, são – como já se mencionou acima – *o(s)* e *a(s)* no caso do OD, e *lhe(s)* no caso do OI. O clítico *se* e outros clíticos nos casos em que funcionam como pronome reflexivo ou recíproco, não foram incluídos na análise quantitativa, por razões que serão explicadas mais adiante.

Uma percepção comum quanto à substituição e supressão do clítico no PB, é a que são principalmente os clíticos da 3ª pessoa do OD, *a(s)* e *o(s)*, que realmente se vão desaparecendo do PB – percepção que também parece ser refletida pela maioria dos estudos e artigos consultados sobre a problemática – mas isto não significa que o fenômeno não abrange outros clíticos também. Neste estudo optei por estudar a substituição e supressão também dos clíticos da 1ª e 2ª pessoa além dos clíticos do OI (inclusive os clíticos *me*, *te* e *nos* em função de OI), os quais na sua maior parte pareciam ser excluídos de outros estudos sobre a problemática. Desta maneira espero, com o presente trabalho, contribuir a esclarecer até que ponto também os clíticos de 1ª e 2ª pessoa, tanto em função de OD como de OI, são sujeitos à substituição ou a supressão, e com isto dar uma descrição o mais cabal possível do fenômeno em questão.

Na análise quantitativa, se analisaram tanto os casos em que os clíticos de fato são empregados, como os casos em que estes são substituídos ou suprimidos. Isto para ter um ponto de referência no que diz respeito à extensão do fenômeno de substituir ou suprimir o clítico. Daqui em diante se utilizará o termo *variantes* para designar o conjunto das três alternativas de realização do OD ou do OI analisadas neste estudo, que são: 1) o emprego do clítico, 2) a substituição do clítico (no caso da análise quantitativa; só a substituição por um pronome tônico) e 3) a supressão do clítico.

1.1.1.1. Os pronomes reflexivos e recíprocos

A razão pela qual *não* se incluíram os pronomes reflexivos ou recíprocos na análise quantitativa do corpus, foi o risco de confundir um fenômeno com o outro, ou seja; confundir a substituição ou supressão do clítico com a tendência geral de eliminar o reflexivo tanto no PB como no PE. Porém, não é impossível que ambos os fenômenos,

em última instância, façam parte da mesma problemática. Por isso se darão alguns exemplos de possíveis casos de substituição ou supressão do clítico quando este for um pronome reflexivo ou recíproco, e se discutirá se realmente são casos de substituição ou supressão do clítico em geral ou do pronome reflexivo ou recíproco em especial.

1.1.2. As técnicas de substituição ou supressão do clítico

Com o termo *técnicas de substituição ou supressão* me refiro às estratégias alternativas às quais se recorrem para evitar o emprego dos clíticos na realização do OD ou do OI no PB. O ponto de partida para a análise realizada nesta tese, foi a divisão e classificação destas estratégias em duas *técnicas* principais; 1) *a substituição* e 2) *a supressão* do clítico. Quanto às técnicas de substituição, parece que existem inúmeras possibilidades de variação. Até se pode dizer que, no que diz respeito à invenção e uso delas, não existe limite. No entanto, a substituição do clítico por um pronome tônico mostrou-se a técnica definitivamente mais freqüente comparado com as outras técnicas encontradas. Por isso, optou-se por incluir só esta técnica, além da supressão do clítico, na análise quantitativa. A supressão do clítico é, na verdade, uma só técnica, que consiste em suprimir, ou seja, simplesmente omitir o clítico da oração de modo que o OD ou OI fica implícito. A seguir se apresentarão as técnicas estudadas neste trabalho e as suas características, ilustradas por exemplos tirados dos textos do corpus.

1.1.2.1. A substituição do clítico por um pronome tônico

A substituição do clítico realiza-se na maioria dos casos por o *pronome átono*, ou seja o clítico, ser substituído por um *pronome tônico*, quer dizer, pela forma tônica do pronome em questão. Isto significa que o pronome tônico assume simplesmente tanto o lugar como a função gramatical do pronome átono, de modo que a construção sintática permanece inalterada. No caso do OD isto significa, na sua maior parte, a simples substituição dos clíticos *me, te, nos, a(s)* e *o(s)* pelas formas tônicas correspondentes *eu, você(s)* (ou em alguns casos *tu*), *nós* ou *a gente, ele(s)* e *ela(s)*..:

OD

(1) (...), mataram **ele** com uma navalhada que abriu a garganta de cima a baixo. (ROM1, p.28)

(PE: (...), mataram-**no** com uma navalhada que abriu a garganta de cima a baixo.)

(2) (...), coisa que o jaba faz **você** ouvir, (...) (BLOG)

(PE: (...), coisa que o jaba **te/o/a** faz ouvir (...))

(3) Deixa **eu** entrar. (ROM1, p.67)

(PE: Deixa-**me** entrar.)

OI

(4) () Dói **em mim** escrever isto. (COM)

(PE: Dói-**me** escrever isto.)

(5) (...)por favor diga **a ela** para ligar **para mim**. (ROM1, p.59)

(PE: (...)por favor diga-**lhe (a ela)** que **me** ligue/ para **me** ligar.)

(6) Sabe por que eu queria saber qual a marca de charuto que você fumava? Para dar uma caixa **para você**. (ROM1 p.37)

1.1.2.2. A supressão do clítico

A outra técnica a ser incluída na análise quantitativa, foi a *supressão* do clítico. Se o clítico é suprimido, significa que o pronome – seja este um pronome do OD ou do OI – é simplesmente omitido:

OD

(7) Uma moça do shopping que trabalhou com ela **me [Ø]** disse. (ROM1, p.28)

(CLIT: Uma moça do shopping que trabalhou com ela **(m)o disse.**)

(8)Aí esqueço de levar os cremes ou quando **[Ø]** levo esqueço de passar **[Ø]**. (JOR)

(CLIT: Aí esqueço de levar os cremes ou quando **os** levo esqueço de passá-**los.**)

(9) Daí comecei a pesquisar mais sobre a banda e sobre a música e descobri várias músicas boas. Curti **[Ø]** e divulguei **[Ø]** a alguns amigos e ninguém **[Ø]** conhecia.

(CLIT: (...). Curti-**as** e divulguei-**as** a alguns amigos e ninguém **as** conhecia.)

OI

(10) Dei **[Ø]**o endereço. (ROM1, p.17)

(CLIT: Dei-**lhe** o endereço.)

(11) A presente surpresa que [\emptyset] dei foi mais complexo (...). (BLOG)

(CLIT: A presente surpresa que **lhe** dei foi mais complexo (...).)

(12) Ele garantiu que acordaria, eu [\emptyset] acreditei e passei mais de meia hora tentando, mas não houve jeito de ele se levantar, (...). (ROM2, p.80)

(CLIT: Ele garantiu que acordaria, eu **lhe** acreditei e passei meia hora tentando, mas não houve jeito de ele se levantar (...).)

1.1.2.3. As formas contraídas

Como mostra o exemplo (7), é comum no PB a substituição ou supressão do clítico nos casos em que no PE seria natural utilizar uma forma contraída, ou seja a contração entre o clítico do OD e o clítico do OI – neste caso entre os clíticos **me** e **o** (=mo). Estes casos foram identificados e analisados quantitativamente, no fim de verificar quais são as variantes ou técnicas, ou – melhor dito – as combinações de variantes e técnicas (supr. do OD + subst. do OI, supr. do OD + clit. do OI etc.), mais frequentes utilizadas para se evitarem as formas contraídas.

1.1.2.4. Outras técnicas de substituição ou supressão estudadas

As outras técnicas de substituição e supressão estudadas, foram, entre outras, a substituição do clítico por um pronome demonstrativo, a repetição “exagerada” de um substantivo nos casos em que no PE seria natural utilizar um clítico para evitar tal repetição (ou – em outras palavras – a substituição do clítico por um substantivo ou SN) e a alteração da estrutura sintática da oração ou enunciado em questão no fim de evitar o clítico.

Entre estas “técnicas”, a que mais interessa, a meu ver, é a substituição do clítico por um pronome demonstrativo, principalmente pelos neutros *isto* e *isso* (e também – em alguns casos – *aquilo*):

(13) (...)obrigado a quem disponibilizou **isso** na net. (COM)

(14) Baixei **isso** e conselho: não percam tempo. É muito ruim. (COM)

(15) – Você tem uma amiga chamada Elisa? – Claro. Eu não já disse **isso**? (ROM1, p.18)

O fato destas formas serem utilizadas (pelo menos em muitos dos casos encontrados no corpus) em parte como meios de ênfase (13) ou para comunicar p.ex. alguma emoção ou opinião – positiva ou negativa – em relação ao referente, fez com que optei por não incluí-las como uma das variantes ou técnicas estudadas na análise quantitativa. O que mais interessa no caso dos demonstrativos, é, a meu ver, discutir se o emprego destas formas nos casos em que também seria natural utilizar um clítico, podem, de fato, ser consideradas técnicas de substituição ou não.

1.1.3. Terminologia: *Substituição e supressão vs. perda*

Na maioria dos estudos que focalizam a problemática dos clíticos no PB, se utiliza o termo *perda*, para designar o fenômeno de evitar ou eliminar o clítico no PB. No entanto, este termo não reflete – a meu ver – toda a realidade deste fenômeno. Mais especificamente, o que faz com que *perda* seja um termo tão problemático, é que não reflete a realidade *histórica* do fenômeno que designa, já que indica que um elemento – neste caso o clítico – que antes *existia* na língua, já desapareceu ou está desaparecendo dela. Segundo vários estudos que focalizam os aspectos diacrônicos do fenômeno em questão (cf. o cap. 2.1.1.) a situação do clítico no PB atual tem, pelo menos em parte, as suas origens na língua portuguesa falada em Portugal anterior à época colonial, o que significa que, provavelmente, a tendência de evitar os clíticos já existia na língua portuguesa antes de ser trazida para o Brasil no início do séc. XIV.

Os termos utilizados nesta tese para designar as estratégias que se utilizam para evitar os clíticos no PB; *técnicas de substituição ou supressão*, foram uma invenção por parte do meu orientador, Kåre Nilsson, e foi, na verdade, este termo que chegou a formar a base ou “ponto de partida” deste projeto. Enquanto o termo *perda*, a meu ver, se limita a descrever *o resultado* do que acontece com os clíticos no PB, os termos *substituição e supressão* descrevem o que de fato *acontece* com os clíticos no PB, ou seja, designam o que realmente interessa num estudo como este: *cómo* se evitam os clíticos no PB.

1.2. LITERATURA NORMATIVA E ESTUDOS PRÉVIOS SOBRE O TEMA

1.2.1. O que dizem as gramáticas tradicionais?

Para poder identificar as técnicas de substituição e supressão nos textos do corpus, foi preciso definir bem o quê é uma *técnica* (cf. a discussão no cap. 1.2.2.). Um dos *pontos de referência* escolhidos para fazer tal definição, e para – a partir disso – poder identificar as técnicas de substituição e supressão com pertinência, foi a literatura normativa sobre o tema. Foram consultadas uma seleção representativa de gramáticas tradicionais (GTs) e manuais de língua portuguesa, que todos se propõem a descrever tanto a norma brasileira como a norma europeia da língua, além das diferenças que existem entre as duas normas. O ponto de vista representativa de todas as GTs consultadas quanto à problemática em questão, pode ser resumida da seguinte maneira: Quanto aos clíticos do OD, tanto a substituição por um pronome tônico como a supressão destes são consideradas incorretas. Quanto aos clíticos do OI, é considerado perfeitamente correto substituir o clítico com a forma tônica precedida por uma preposição (*a, para, em* etc.), e no que se refere à supressão, também não se pode considerar totalmente incorreto. Por isso, a definição que serviria de base para a identificação das técnicas de substituição ou supressão do OI foi sobretudo que se consideraria técnicas de substituição ou supressão os casos em que no PE seria natural utilizar os clíticos.

O que também é o caso de todas as GTs consultadas, é que – embora dizendo-se serem gramáticas que representam tanto o PB como o PE – tanto as diferenças gerais no emprego do sistema pronominal entre as duas variantes da língua, como a substituição e supressão do clítico em geral, ocupam um espaço muito limitado. Muitas vezes estes aspectos tão significantes e tão caraterísticos do PB, se mencionam apenas entre parênteses, e algumas vezes nem se mencionam. Esta “atitude” dos GTs já provoca bastante polémica e discussão, pelo menos entre alguns estudiosos da língua portuguesa, defensores empedernidos do reconhecimento do PB com todas as suas caraterísticas como variante “independente” da língua portuguesa, variante essa que – pelo menos segundo estes defensores – merece a sua própria norma, diferente do que vale para o PE.

A meu ver, nenhuma das gramáticas ou manuais consultados oferece uma descrição cabal da realidade no que diz respeito ao uso ou a ausência dos clíticos no PB.

Pois, uma gramática de referência geralmente não oferece – e não deve oferecer – descrições muito detalhadas de fenômenos lingüísticos específicos, já que seu papel de obra de referência ou de consulta, simplesmente não permite tal aprofundamento. Porém, para quem quiser ter uma idéia da realidade no que se refere ao emprego de – ou a tendência de evitar – o clítico no PB, e de qual é a verdadeira relação entre norma e uso no PB de hoje, mostra-se bem difícil encontrar uma descrição satisfatória do estado das coisas neste âmbito lingüístico.

O *Manual de língua portuguesa* de Paul Teyssier é uma das poucas gramáticas que se propõem a apresentar e comentar as principais diferenças entre o PB e o PE, e portanto também as diferenças no que se refere ao uso dos clíticos. Teyssier dá uma descrição bastante detalhada das regras e tendências em relação à colocação pronominal no PB frente ao PE (Teyssier 1989, p.115-126). No entanto, a descrição é menos explicativa quanto à substituição e supressão dos clíticos. O autor limita-se neste respeito a constatar que os pronomes átonos da 3ª pessoa, *a(s)*, *o(s)* e *lhe(s)*, assim como as formas contraídas *lho(s)* e *lha(s)*, geralmente se evitam na linguagem falada no Brasil. Além disso menciona algumas técnicas de substituição e supressão, tais como a substituição das formas do OD *a(s)* e *o(s)* pelas formas de OI *lhe* e *lhes*, a substituição das mesmas formas do OD pelas formas tônicas *ele(s)* e *ela(s)*, e a supressão total do pronome em questão (Teyssier 1989, p.114).

A *Nova gramática do português contemporâneo* de Celso Cunha e Lindley Cintra é mais um exemplo de uma gramática que pretende descrever a língua portuguesa como um conjunto de diferentes variantes geográficas e sociolingüísticas, mas que ainda assim não apresenta uma descrição satisfatória do verdadeiro emprego do sistema pronominal no PB atual. Nesta gramática altamente normativa, a opinião de que a substituição e supressão do clítico é incorreto e deve ser evitado, fica ainda mais claro do que na gramática de Teyssier. Sob o título *Equívocos e incorreções*, no capítulo *Pronomes*, Cunha e Cintra dedica mais ou menos meia página a alguns exemplos do uso “incorreto” dos pronomes de sujeito *ele(s)* e *ela(s)*. Igual que Teyssier, Cunha e Cintra focalizam principalmente a substituição do clítico da 3ª pessoa do OD pelas formas tônicas *ele(s)/ela(s)*. É interessante notar que, neste contexto, se referem também a este uso do pronome de sujeito como substituto de um pronome átono, como uma reminiscência do português europeu pré-colonial (segundo já apontado acima neste trabalho):

“Embora esta construção tenha raízes antigas no idioma, pois se documenta em escritores portugueses dos séculos XIII e XIV, deve ser hoje evitada.” (Cunha e Cintra, 290)

No entanto, segundo Cunha e Cintra, o uso de *você* como OD (e também *você/para você* como OI) em vez do clítico *te*, não é considerado incorreto:

“As formas *você* (no Brasil) e *o senhor, a senhora* (tanto em Portugal como no Brasil) estendem-se também às funções de objecto (directo ou indirecto), substituindo com frequência as correspondentes átonas, *o, a e lhe*.” (Cunha e Cintra, 296)

1.2.2. Estudos já realizados sobre a problemática do clítico no PB

Tal como é o caso das pesquisas realizadas sobre o PB em geral, o tema específico da substituição e supressão dos clíticos é um fenômeno pouco estudado. Entre os estudos que abordam especificamente diferentes aspectos desta problemática, a maioria tem um enfoque sociolingüístico, mas existem também exemplos de estudos que focalizam principalmente vários aspectos semânticos ou sintáticos deste fenômeno. Nota-se que é, antes de mais nada, a representação do acusativo – ou seja a do OD – que se tem estudado até agora, deixando-se de lado a do OI, tal vez por ser considerado menos pertinente neste contexto. Mesmo assim – ou tal vez exatamente por isso – decidiu-se incluir esta categoria neste estudo, porque seria, a meu ver, muito interessante saber de que forma os clíticos do OI são substituídos ou suprimidos, e também verificar se a substituição ou supressão destes clíticos ocorrem com a mesma frequência que no caso dos clíticos do OD. Também se nota que se tem focalizado quase exclusivamente a substituição ou supressão do clítico da 3ª pessoa nos artigos e estudos que tratam especificamente deste tema, deixando-se de lado os clíticos de 1ª e 2ª pessoa, tanto como o pronome de tratamento *você(s)* (antecedido ou não de preposição) que se usa com frequência como substituto dos clíticos *o(s), a(s) e lhe(s)* – além de ser a forma de tratamento mais comum para substituir os pronomes de 2ª pessoa do singular *te* e *tu* no Brasil (embora formalmente um pronome de 3ª pessoa). Ainda não encontrei nenhum trabalho sobre a substituição ou supressão dos clíticos que aborde a problemática de *você* e os clíticos correspondentes, o que constitui mais uma razão para incluir também esta forma neste estudo.

1.2.2.1. Exemplos de estudos que focalizam a língua escrita

Entre os estudos que focalizam a língua escrita, vale a pena mencionar um estudo de Rerisson Cavalcante Araújo; *O objeto direto anafórico em textos da web*, de 2005, que chamou a minha atenção por partir de uma análise dos diferentes registros da linguagem que se usam para se comunicar pela internet, o que também faz parte da análise realizada neste estudo. Este foi o único trabalho que encontrei sobre a substituição e supressão dos clíticos em textos da língua escrita coloquial, tema esse que me parece um objeto de estudo muito interessante e atual, e que também faz parte desta tese. Araújo propõe-se no seu estudo a “analisar a variação no preenchimento do objeto direto anafórico no português brasileiro”, baseando-se em textos de diários virtuais ou *blogs*, nos termos da “Teoria da Variação” (Araújo, 2005). Este estudo focaliza tanto os aspectos sociolingüísticos da problemática em questão, como também os fatores estruturais.

Outro estudo que chamou a minha atenção, embora por razões um tanto diferentes, foi *A colocação pronominal do português brasileiro* de Ane Schei (2003). Queria mencionar este estudo em particular porque me estranha um pouco por que alguém se interessaria pela colocação dos clíticos no PB, enquanto o que realmente acontece é que os clíticos no PB se vão desaparecendo. Também é de notar que o corpus que serve de base para este estudo está constituído unicamente por textos ficcionais, ou seja uma parte muito pequena da língua que, além disso, é pouco representativa do “verdadeiro” PB. Schei não é a única lingüista a se ocupar com a problemática da colocação dos pronomes átonos do PB. Existem, de fato, bastantes estudos sobre o tema, e é também, a meu ver, um tanto curioso que as diferenças na colocação dos clíticos existentes entre o PB e o PE, estejam tão realçados nas gramáticas e nos manuais da língua portuguesa, enquanto a substituição e supressão do clítico apenas se mencionam. Se é verdade que o clítico geralmente é evitado no PB atual (exceto, evidentemente, nos registros mais formais da língua), porque se focaliza apenas a colocação destes em vez de tentar descrever de que forma são evitados, a fim de uma vez por todos incluir este “fenômeno” nas gramáticas – não como uma espécie de “gíria” que em principio não se recomenda na língua culta, mas sim como uma parte da realidade lingüística no Brasil? Voltarei a esta discussão no próximo capítulo.

2. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A PROBLEMÁTICA ESTUDADA

2.1. A SUBSTITUIÇÃO OU SUPRESSÃO DO CLÍTICO NO PB:

O QUÊ É E DE ONDE VEM ESTE FENÔMENO?

Já é um fato conhecido que a substituição e a supressão dos clíticos, são entre os traços mais distintivos do português brasileiro face às outras variantes da língua portuguesa, em especial no caso da língua falada e dentro dos registros mais informais. É principalmente no português *falado* do Brasil, ou seja na língua *falada coloquial*, que se tem observado um desenvolvimento caracterizado por fenômenos tanto sintáticos como lexicais, fonológicos e ortográficos, que apareceram ou que se manifestaram na língua portuguesa depois dela chegar ao Brasil há pouco mais de 500 anos, e que juntamente contribuíram para que a norma atual do PB em muitas áreas difira significativamente da norma hoje vigente para o PE. A substituição ou supressão do clítico é tal vez um dos fenômenos que mais caracteriza o PB frente às outras variedades da língua portuguesa. Também é um dos fenômenos que representa as divergências mais profundas entre o PB e o PE, por ser um fenômeno que, com o desenvolvimento natural da língua, tem causado – e segue causando – mudanças mais ou menos profundas nas estruturas sintáticas do PB. Mudanças essas que, a meu ver, deveriam ser reconhecidas pelos gramáticos que se ocupam com a língua portuguesa e que são os responsáveis pela criação ou definição de uma norma para o PB, uma norma que, na minha opinião, deveria estar de acordo com a realidade lingüística no Brasil e não com a de qualquer outro país no mundo onde se fala e se escreve a língua portuguesa.

Antes de entrar mais ao fundo nesta discussão, queria refletir um pouco sobre a origem do fenômeno de substituir e suprimir o clítico no PB. De onde vem este fenômeno? Se trata de mudanças naturais na língua ou de reminiscências do português antigo – ou das duas coisas?

2.1.1. Origens possíveis da tendência de evitar o clítico no PB: Mudanças ou reminiscências?

É corrente supor que as diferenças hoje existentes entre o PB e o PE, sejam estas de caráter fonológico, morfossintático ou lexical, são resultados de mudanças e inovações lingüísticas que se realizaram na língua *depois* da colonização, em parte devido à

natural evolução lingüística de qualquer língua com o decorrer dos tempos, e em parte devido ao contato lingüístico, que no caso do Brasil se trata do contato do português – a língua dos colonizadores – com línguas indígenas e africanas. Sendo assim, a língua portuguesa, depois da chegada dos portugueses ao Brasil, entrou rapidamente em contato com várias línguas indígenas, e – com a entrada de escravos africanos um século mais tarde – também com certas línguas africanas. Este encontro de línguas muito diferentes, e sobretudo a convivência destas línguas durante séculos, contribuíram sem dúvida para o fato de o PB ter chegado a diferenciar-se cada vez mais do PE. Também se assinala o fato de os colonizadores e imigrantes portugueses serem provenientes de diferentes regiões (e portanto falantes de diferentes *dialetos*) de Portugal como explicação para algumas das mudanças realizadas na língua portuguesa depois de ela chegar ao Brasil (Guimarães 2005). Ao chegar ao país recém-colonizado, os novos habitantes fundaram e se instalaram em cidades, onde convivessem e se misturassem, o que por sua vez resultou numa mistura de dialetos portugueses e na aparição de novos dialetos e socioletos. Hoje é especialmente a urbanização, ou seja a extensa migração das zonas rurais aos grandes centros urbanos do país, que causa encontros entre pessoas de diferentes origens geográficas e classes sociais em grande escala, fenômeno que por sua vez deve afetar à língua de uma maneira ou de outra.

Não faz sentido, porém, falar só em *mudanças* lingüísticas quando se encaram os traços mais característicos do PB atual. Claro está que as mudanças e inovações lingüísticas que o PB tem sofrido até hoje por causa dos fatores acima mencionados, fazem parte do quadro total dos fenômenos que hoje diferenciam o PB do PE, mas há outro fator importante que contribui para esta diferenciação, a saber as *reminiscências* da língua portuguesa anterior a – ou mesmo *durante* – a época colonial. No seu artigo *Variedades do português no mundo e no Brasil*, Emilio G. Pagotto (2005) apresenta três hipóteses principais para a explicação das diferenças hoje existentes entre o PB e o PE:

- 1) A hipótese conservadora
- 2) A hipótese do contato
- 3) A hipótese da deriva lingüística

A meu ver, estas três hipóteses – que correspondem aos principais fatores determinantes para a diferenciação lingüística entre o PB e o PE já mencionados nesta tese – são igualmente importantes, o que também é a conclusão de Pagotto:

“O mais provável é que nos diversos pontos do território, em momentos diferentes, tenhamos a atuação de cada uma dessas forças – a conservação, a inovação estrutural e o contato lingüístico(...)” (Pagotto 2005)

Enquanto as hipóteses 2) e 3) consideram fatores que levam a *mudanças* e *inovações* lingüísticas, ou seja o contato entre línguas e dialetos diferentes e a evolução natural da língua, a hipótese 1) é a que realça a *conservação* no PB de elementos lingüísticos já desaparecidos no PE há séculos, elementos esses que hoje devem ser considerados *reminiscências* e nem *mudanças* nem *inovações*. Vários estudos que focalizam a variação lingüística no PB, indicam que a mais provável explicação para as diferenças no sistema pronominal em geral, e para a substituição e supressão dos clíticos no PB em especial, é justamente a *conservação* e *continuação* de elementos e tendências originários do PE anterior a – ou durante – a época colonial, que por alguma razão chegaram a desaparecer da variante européia da língua portuguesa.

2.2. VARIAÇÃO E NORMA LINGÜÍSTICAS NO PB ATUAL

A realidade lingüística no Brasil se caracteriza por uma imensa variação tanto sociolingüística como geográfica. Esta variação pode, num lado, representar uma grande riqueza, mas ao mesmo tempo pode ser problemático, entre outras coisas porque pode contribuir a manter a diferenciação social no país, o que a sua vez dificulta a unificação da língua portuguesa no Brasil. Segundo a opinião de vários lingüísticos que se ocupam com as questões sociolingüísticas em relação ao PB (p.ex. Teyssier), o maior fator para a variação lingüística no Brasil são as diferenças sociais no país, e não as grandes distâncias geográficas. Qualquer que seja o fator mais importante, o mais provável é que o fator social é o que causa os maiores problemas na tentativa de criar uma norma unificada para o PB. A seguir, apresentarei alguns exemplos representativos da oposição que parece existir no Brasil entre os diferentes níveis da língua, mais especificamente, a relação entre a língua falada e a língua escrita, e entre a chamada “língua culta” e a língua coloquial.

2.2.1. Língua escrita vs. língua falada

A língua escrita é, normalmente, a variante mais conservadora de qualquer língua, e isso por varias razões. A pauta predominante na língua escrita é, em ultima instância,

determinada pelas normas definidas pela parte “educada” ou “cultura” da sociedade, ou seja – no caso do Brasil e em muitos outros países – por uma minoria da população. Numa sociedade como o Brasil, onde as diferenças sociais são enormes, e onde a pobreza e a desigualdade social causam qualquer tipo de problemas para os menos privilegiados, tais como o analfabetismo e o fato de muitos jovens não terem acesso a uma escolarização satisfatória, não admira que haja uma certa divergência entre a língua falada e as normas da língua escrita. Embora algumas características da língua falada no Brasil se manifestou também na língua escrita, tal como na ortografia e em parte também na sintaxe (cf. a colocação pronominal), na sua maior parte a língua escrita não parece seguir o rumo da língua falada. Isto deve-se em grande parte, ao fato de a língua escrita ser sujeita a normas gramaticais bastante conservadoras, muito fieis às normas válidas para a chamada “língua padrão” – o PE. No entanto, com a era de informação e a integração de novos meios de comunicação na sociedade acessíveis a uma parte cada vez maior da população, os limites entre a língua falada e a língua escrita vão se tornando menos nítidos.

Para se entender a relação entre a língua falada e escrita no Brasil, também é preciso ter em conta o fato de o PB ser uma língua de muitas diferenças *socioletais*, mais que *dialetais* ou geográficas, como diz Teyssier na sua *História da língua portuguesa*:

“A realidade, porém, é que as divisões ‘dialetais’ no Brasil são menos geográficas que sócio-culturais. As diferenças na maneira de falar são maiores, num determinado lugar, entre um homem culto e o vizinho analfabeto que entre dois brasileiros do mesmo nível cultural originários de duas regiões distantes uma da outra”. (Teyssier 1982, p.79)

Um fator que poderá influir na relação entre a língua falada e a língua escrita no Brasil no futuro – e que tal vez já o faz – é a comunicação por internet e outros meios eletrônicos, que realmente representa um cruzamento entre a comunicação falada e escrita, o que pode ter conseqüências para ambas variantes. Não acho improvável que a internet chegue a ser um foro onde o falante médio do português do Brasil possa contribuir à aceitação de novas normas mais amplas da língua escrita, tal vez capazes de ameaçarem a posição das normas dadas pela parte “cultura” e “educada” da sociedade.

É natural supor que a tendência de substituir e suprimir os clíticos também em certos registros da língua escrita, se deve – em grande parte – ao fato de uma parte cada

vez maior da população brasileira ter acesso a novos meios de comunicação textual, tais como mensagens SMS enviadas por celular, além dos “blogs” e foros de comentários e debate na internet. Isto significa que a língua escrita e suas normas já não é definida unicamente pela parte mais educada da população brasileira, mas também, num grau cada vez maior, pelo brasileiro “comum”. Isto pode, a sua vez, levar a que fenômenos tais como a substituição e supressão do clítico ganhe reconhecimento e aceitação também nos registros mais formais da língua escrita.

2.2.2. Língua culta vs. língua coloquial

A “divisão” da língua portuguesa no Brasil em duas variedades, a língua culta e a língua coloquial ou popular, tem a sua origem séculos atrás. Anterior à introdução de escravos africanos no Brasil a partir de 1549 (Mattos e Silva), a realidade lingüística no país estava constituída pelo português europeu, até certo ponto também pelo holandês, e ultimamente pelas *línguas gerais* – termo que segundo Guimarães (2005) designa o conjunto das línguas indígenas alem das línguas de contato entre colonizadores e indígenas e entre indígenas existentes no território brasileiro no primeiro período da colonização. Porém, com a introdução de mais de um milhão de escravos africanos durante um tempo relativamente curto, esta realidade mudou drasticamente. No seu artigo *O português brasileiro*, Mattos e Silva faz referência a um artigo de Jorge Couto, *A construção do Brasil: ameríndios, portugueses e africanos do início do povoamento a finais de quinhentos* de 1997, em que o autor aponta que, no final do séc. XVI, os escravos africanos já constituíam um 42% da população, sendo assim o maior grupo étnico no Brasil naquela época (segundo Couto, os portugueses constituíam um 30 % e os índios um 28% da população na mesma época). Com base nos dados apresentados por Couto, Mattos e Silva faz a seguinte conclusão:

“Diante desses dados demográficos se pode admitir que o forte candidato para a difusão do *português geral brasileiro*, antecedente histórico do atualmente designado de *vernáculo* ou *português popular*, variante sociolingüística mais generalizada no Brasil, seriam os africanos e afro-descendentes, e não os indígenas autóctones, já que o *Português Brasileiro culto*, próprio hoje, em geral, aos de escolarização mais alta, será o descendente do Português Europeu ou mais europeizado das elites e dos segmentos mais altos da sociedade colonial.”
(Mattos e Silva)

Quanto ao termo “língua coloquial”, é preciso ter em conta que este não designa só a língua *falada* coloquial, mas também abrange uma parte significativa – e dinâmica – da língua escrita. Me refiro especialmente à linguagem usada na comunicação escrita realizada pelos meios eletrônicos, desde as mensagens SMS enviadas por celular até os inúmeros “blogs” e sites de “chat” (ou *bate-papo*, outro termo usado no PB para designar este tipo de comunicação), comentários e debate, que hoje se encontram em toda a parte da internet. A linguagem predominante nestes contextos muitas vezes se aproxima mais do que podemos qualificar de língua falada coloquial do que de qualquer outro discurso da língua escrita. Provavelmente se pode dizer que a revolução comunicativa das últimas décadas é a causa principal de a língua escrita e a língua falada se aproximarem cada vez mais. O fato de os meios eletrônicos de comunicação e de informação já serem acessíveis a todo o mundo, tanto à “elite” como às pessoas menos privilegiadas oferece uma oportunidade única ao falante de qualquer língua de se expressar numa maneira espontânea e informal por escrito, o que por sua vez pode influenciar as normas da língua escrita. Há, sem dúvida, defensores encarniçados dos valores “clássicos” da língua que temem que, num futuro previsível, esta aproximação venha a dar em o apagamento mais ou menos total dos limites entre a língua escrita e a língua falada, e entre a linguagem “cultura” e a linguagem mais “simples” e coloquial. Acho que, pelo menos até certo ponto, este temor pode ser justificado, mas não me parece muito provável que a linguagem de, digamos, uma obra de literatura ficcional ou de um artigo por exemplo numa revista científica prestigiosa, alguma vez chegue a ser a mesma que – como diz Teyssier – “a linguagem do vizinho analfabeto”.

2.2.3. Norma vs. uso

Um dos fatores que, em vez de apagar as diferenças entre a língua do “vizinho analfabeto” e a de qualquer cidadão com um nível alto de escolarização, tal vez até contribua a manter a diferenciação entre os diferentes níveis lingüísticos do PB, é o fato de o português que se ensina nas escolas do Brasil, em muitas áreas não corresponder à realidade lingüística de hoje. Isto quer dizer que a língua que se ensina nas escolas brasileiras – o que também inclui o ensino do PB como língua estrangeira – em grande parte segue as normas lingüísticas provenientes diretamente do PE, pouco representativas da língua que realmente se fala no Brasil de hoje.

Já me referi ao conservantismo lingüístico e seus defensores. Um aspecto importante deste conservantismo é a falta de pesquisa em todas as áreas do PB, em

especial no que se refere à língua coloquial, o que por sua vez limita a possibilidade de criar uma norma que reflita melhor a língua que realmente se fala no Brasil de hoje. Segundo Teyssier, é justamente a falta de pesquisa que faz com que a norma do PB, em varias áreas ainda não é tão clara e bem definida como a do PE:

“A norma de Portugal é muito fácil de definir, pois é objecto de um vasto consenso e foi estudada muitas vezes. A do Brasil, pelo contrario, põe um problema especifico, pois está longe de ser universalmente reconhecida pelos próprios brasileiros. Enquanto no Brasil não se estabelecer um consenso como em Portugal, o enunciado da norma brasileira será, por vezes, necessariamente vago e impreciso.” (Teyssier 1989, p.16)

No seu artigo *Seria a língua falada mais pobre que a língua escrita?* o professor de filologia e língua portuguesa na Universidade de São Paulo, Ataliba T. De Castilho, reflete sobre a posição da língua falada no Brasil (e em geral), apontando para a importância de incluir também a língua falada no ensino do português nas escolas, sobretudo para gerar mais interesse pela gramática e pela língua do que o que se consegue ensinando apenas as normas validas sem dar lugar à reflexão.

Em *Português brasileiro – Uma viagem diacrônica*, uma coleção de artigos organizada por Ian Roberts e Mary A. Kato em memória de um importante pesquisador no campo sociolinguístico do PB, Fernando Tarallo, um dos autores, Pagotto, faz referência à dissertação de mestrado do linguista Corrêa; *Objeto nulo no português do Brasil* (1991):

“Corrêa (1991) mostrou o quanto se deve à escola o papel de introduzir clíticos na gramática de crianças e adolescentes. Somente após tal contato é que as crianças passam a se utilizar de clíticos em seus textos escritos, mesmo assim incorrendo em usos estranhos à gramática portuguesa devidos provavelmente à ausência de tais elementos no sistema linguístico adquirido na infância.” (Roberts & Kato, 1993)

Também a autora do artigo *O português brasileiro*, Rosa Virginia Mattos e Silva, aponta para o fato de o uso dos clíticos – sobretudo os de 3ª pessoa – no PB falado se dever ao ensino nas escolas brasileiras de um português bastante diferente da que realmente se fala no Brasil atual:

“(...) o clítico canônico – o/a – pode ocorrer no uso cuidado, monitorado, de escolarizados; ele é adquirido na escola e, curiosamente, primeiro na escrita e depois na fala, o que mostra ser um recurso sintático, efeito de aprendizagem pela escolarização, e não adquirido naturalmente na infância.”

A questão de norma também é relevante para o ensino do português como língua estrangeira. Para muitos estudantes do português como língua estrangeira, o fato de a língua portuguesa ter duas variantes principais – uma que vale para o PB e outra para o PE (a norma lingüística válida para o português falado na Ásia e na África, é a do PE (Teyssier 1989, p.15)) representa um obstáculo significativo no caminho de obter um bom domínio e conhecimento da língua portuguesa em geral e do PB em especial. E como se isto não bastasse, além de cada uma destas variantes, existe pelo menos mais uma norma que o estudante do PB tem que encarar, ou seja da língua falada coloquial. No caso do PB esta norma fica, como já disse acima, às vezes muito longe da norma ensinada na escola e dos registros discursivos “cultos” da língua falada.

II. ANÁLISE E RESULTADOS

3. CORPUS, MÉTODO E PARÂMETROS

3.1. O CORPUS: APRESENTAÇÃO E JUSTIFICAÇÃO

3.1.1. Categorização

Os textos do corpus foram divididos em 3 categorias principais e 6 subcategorias, ou seja, cada uma das categorias principais – representando diferentes gêneros estilísticos ou tipos de textos – se dividiram em duas subcategorias – representando diferentes registros ou discursos *dentro* das categorias principais. As categorias e subcategorias do corpus podem, portanto, ser classificadas do modo seguinte:

1) Comunicação textual na internet

- Foros de comentários e debate (língua espontânea/coloquial)
- Blogs (língua semi-formal ou língua formal/culta)

2) Textos jornalísticos: Notícias e entrevistas em jornais na internet

- Discurso direto/citado: entrevistas (língua espontânea/coloquial)
- Discurso indireto/narrado (língua formal/culta)

3) Textos ficcionais: Dois romances contemporâneos

- Discurso direto/citado: diálogo ficcional/conversação literária (língua espontânea/coloquial)
- Discurso indireto/narrado (língua formal/culta)

A categoria 1) está constituída por textos tirados de foros de comunicação na internet, ou seja, por um lado, por textos de *foros de comentários e debate*, e por outro, por textos encontrados em *blogs* (da palavra *weblog*, também chamados *diários virtuais*). O que principalmente caracteriza os textos desta categoria, é que os seus autores representam um “corte transversal” da população, o seu único ponto comum sendo a sua acessibilidade à internet. Este é um grupo que abrange uma parte cada vez maior da população – inclusive as classes menos privilegiadas. Quanto aos discursos ou registros

representados nesta categoria, os textos tirados de foros de comentários e debate representam, num modo geral, a língua espontânea ou coloquial na sua expressão escrita, enquanto nos textos dos blogs a linguagem varia entre um estilo coloquial e semi-formal/“literário” (porém não tão formal do que a linguagem que se encontra, p.ex., em textos jornalísticos ou ficcionais).

As categorias 2) e 3) abrangem textos jornalísticos e ficcionais, textos esses que se caracterizam por serem ou escritos ou redigidos por autores, jornalistas ou escritores profissionais, evidentemente com um alto nível de escolarização. Nestas duas categorias, se distingue entre o *discurso direto* (também designado como *discurso citado*) por um lado, e por outro, o *discurso indireto* (também designado como *discurso narrado*). Nos textos jornalísticos, o discurso direto ou citado é representado pelos diálogos referidos (entrevistas), enquanto nos textos ficcionais, este discurso é representado pelo diálogo literário, ou – como o designa Preti (1977) – pela *conversação literária*.

3.1.2. Justificação da escolha de textos

A relação entre os diferentes “níveis de formalidade” da língua, constitui, a meu ver, um dos aspectos mais interessantes da problemática estudada nesta tese. A ideia de construir um corpus que representasse diferentes *níveis* – ou seja, gêneros estilísticos e discursos ou registros lingüísticos diferentes – veio, em parte, da impressão de que os estudos realizados sobre esta problemática até agora pareciam focalizar só uma parte limitada da língua. Parece-me que a maioria dos estudos já realizados sobre a problemática do clítico no PB focalizam ou a língua “cultura” (cf. Schei (2003), Castilho (1996)), ou a língua extremamente coloquial – ou até “marginal” (cf. Figueiredo (2006)). Tomando isto em consideração, acho que está mais do que na hora de ver o fenômeno de substituir ou suprimir o clítico no PB como um fenômeno que se vai manifestando em todos os registros da língua, não só em alguns registros específicos.

3.1.3. Os textos analisados

Os textos do corpus são, como já foi descrito acima, todos textos em língua escrita, ou seja, seria mais correto dizer que representam diferentes níveis do PB na sua *manifestação escrita*, já que a linguagem em alguns dos textos do corpus na verdade não difere muito da expressão oral, e que por isso seria impertinente usar o termo *língua escrita*.

3.1.3.1. Comunicação textual na internet

Os textos desta categoria são, por um lado, tirados de foros de comentários e debate na internet, e, por outro, de textos de *blogs*. O denominador comum dos foros e sites na internet onde os textos desta categoria foram encontrados, é que são acessíveis – pelo menos em princípio – a todos os que quiserem expressar-se por escrito na internet. Os textos dos foros – ou “espaços” como também são chamados – de comentários e debate, se caracterizam por serem foros relacionados por exemplo a um blog ou a uma notícia num jornal, onde os usuários da internet podem comentar ou debater um tema comum, ou simplesmente expressar a sua opinião. Estes comentários ou respostas têm que ser escritos num espaço muito limitado, e parecem, na sua maior parte, ser caracterizados por um estilo muito coloquial, quase oral, parecido ao que se conhece a mensagens SMS, enviadas por celular. Não tendo acesso a um corpus de mensagens SMS, os foros de comentários e debate na internet representam uma ótima fonte de dados para exemplos deste tipo de linguagem. Entre os textos do corpus, é definitivamente os textos desta categoria que nos dê a idéia mais realista da língua coloquial no Brasil de hoje. Os textos dos blogs, em especial os que têm forma de diário, representam um estilo bastante coloquial, parecido ao que se encontra em cartas, só que a maioria destas “cartas” não têm um destinatário específico. Os blogs normalmente se dirigem a qualquer usuário da internet, nascidos de um mero desejo de se expressar e partilhar os seus pensamentos – ou simplesmente os acontecimentos do dia – com o mundo de lá fora. Os autores dos blogs incluídos no corpus, são tanto pessoas publicas como “gente comum”, e tratam todo tipo de temas, desde descrições dos discos mais recentes do mercado a reflexões sobre a vida em geral.

3.1.3.2. Textos jornalísticos

Os textos jornalísticos no corpus abrangem notícias e entrevistas encontradas em revistas e jornais brasileiros on-line. Os jornais e revistas estudados podem todos ser encontrados na página da internet do Globo, a maior empresa de comunicação social do Brasil, que engloba tanto canais de televisão e de rádio, como jornais e revistas on-line. O *discurso direto*, em forma de reproduções escritas de entrevistas, constitui mais ou menos um 50 % da quantidade de texto nesta categoria, enquanto os restantes 50 % representam outros discursos.

3.1.3.3. Textos ficcionais

Os dois textos ficcionais (romances) que fazem parte do corpus, foram ambos escritos nas últimas décadas do século XX por autores brasileiros, representantes de diferentes origens geográficas e meios socioculturais. O romance *A grande arte*, foi escrito por Rubem Fonseca e publicado por primeira vez em 1994. É um romance policial situado num ambiente urbano, o enredo tendo lugar em parte no Rio de Janeiro e em outras partes da América do Sul. O outro romance incluído no corpus é *O sorriso do lagarto*, escrito por João Ubaldo Ribeiro e publicado em 1989, uma história que se desenrola no estado da Bahia, onde se nos apresenta uma mistura de ambientes e personagens urbanas e rurais. Tal como é o caso dos textos jornalísticos, o *discurso direto* constitui mais ou menos um 50% da quantidade de texto, enquanto os restantes 50% representam outros discursos. No caso dos textos ficcionais se considera *discurso direto* a reprodução “imaginária” da língua falada, ou seja o diálogo literário.

3.2. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

3.2.1. A construção do corpus

Grande parte do trabalho desta tese consistiu na compilação de textos para formar um corpus representativo da expressão escrita do PB atual. Para o corpus ficasse o mais representativo possível, se decidiu compilar os textos de fontes muito variadas; desde a internet até obras literárias, e construir e organizar um corpus “de raiz”. A compilação e organização dos dados mostrou-se, portanto, um trabalho bastante moroso. Uma das partes mais difíceis foi a de construir um corpus que ficasse representativo do PB atual, e que ao mesmo tempo se podia dividir em categorias e subcategorias que depois fizesse sentido comparar umas com as outras. Também foi importante que o corpus ficasse bem equilibrado, de modo que as diferentes categorias e subcategorias fossem comparáveis, não só *qualitativamente* mais também *quantitativamente*.

3.2.1.1. A internet como fonte de pesquisa

Se não existisse a internet, poço quase sem fundo – e sem fim – de textos e linguagem de qualquer registro, a compilação de dados para este estudo seria um trabalho impossível dentro do formato deste estudo. Por exemplo, não seria possível encontrar a mesma quantidade de textos de tantos registros e gêneros diferentes por outras fontes.

Uma desvantagem do uso da internet como fonte de pesquisa, pode ser o fato que raramente é possível conseguir informação concreta sobre os autores dos textos estudados. Um problema que, hipoteticamente, poderia surgir no caso deste estudo por exemplo, é a acessibilidade a qualquer site da internet a pessoas também de outros países onde entendem e falam português. Como se pode saber se o comentário foi escrito por um brasileiro ou por um português – ou mesmo por um angolano ou um moçambicano? Tendo refletido bastante sobre esta possibilidade de interferência de origem alheia, cheguei à conclusão que se o texto fosse escrito por uma pessoa não brasileira, se reconheceria, principalmente pela falta total dos traços distintivos do PB tais como a substituição e supressão dos clíticos. Outra medida que tomei para evitar este problema, foi usar só as paginas mais “brasileiras”, ou seja as que simplesmente não interessariam muito fora do Brasil, tais como jornais brasileiros, sites sobre música brasileira, etc..

3.2.2. A compilação e organização dos dados

Depois de ter construído o corpus, se identificou e se registrou todos os casos de emprego, substituição ou supressão do clítico. Os dados compilados foram organizados no programa Excel. Com a ajuda deste programa, se construiu um base de dados no qual cada um dos casos registrados, além de serem classificados segundo os diferentes parâmetros utilizados na análise, foram etiquetados, indicando em que parte do corpus se encontravam. Desta maneira, facilmente se poderia localizar qualquer um dos casos nos textos, no fim de – por exemplo – esclarecer alguma dúvida ou encontrar exemplos específicos.

3.3. PARÂMETROS PARA A ANÁLISE QUANTITATIVA: APRESENTAÇÃO, EXPLICAÇÃO E EXEMPLOS

Na análise quantitativa se analisou a distribuição no corpus de três variantes diferentes (os clíticos e as duas técnicas de substituição ou supressão mais comuns – a substituição por um pronome tônico e a supressão), segundo fatores morfológicos, sintáticos, semânticos e estilísticos ou discursivos.

O termo *parâmetros* aqui se refere aos diferentes fatores segundo os quais se avalia a distribuição das variantes/técnicas (morfológicos, sintáticos, etc.) Por exemplo, os *parâmetros morfológicos* seriam, neste caso, as diferentes pessoas, números e

gêneros gramaticais (1^a pess., 2^a pess., singular, plural etc.). Os *grupos principais* de parâmetros são:

- as variantes/técnicas estudadas
- fatores/parâmetros morfológicos
- fatores/parâmetros sintáticos
- fatores/parâmetros semânticos
- fatores/parâmetros estilísticos ou discursivos

A seguir se apresentarão os diferentes *parâmetros e grupos e subgrupos de parâmetros* utilizados na análise, além das abreviaturas utilizadas para designar estes na apresentação dos dados, ilustrados por exemplos tirados dos textos do corpus. Os exemplos apresentados neste capítulo também servirão como referência para os dados apresentados e discutidos no cap. 4.

3.3.1. Variantes/técnicas

Os parâmetros representando as variantes ou técnicas estudadas foram os seguintes:

- *o clítico (CLIT)*
- *a substituição do clítico por um pronome tônico (SUB-TON)*
- *a supressão do clítico (SUPR)*

Tanto os clíticos como as duas técnicas de substituição e supressão incluídos na análise quantitativa, foram apresentados no capítulo 1., por isso não se apresentarão de modo detalhado neste capítulo. Exemplos das diferentes variantes/técnicas podem ser encontrados tanto no capítulo 1, como no presente capítulo, no qual se apresentarão de acordo com os diferentes parâmetros utilizados na análise.

3.3.2. Fatores/parâmetros morfológicos

Os parâmetros e grupos de parâmetros morfológicos analisados foram os seguintes:

1) Pessoa gramatical:

- *1^a pessoa (1^a)*
- *2^a pessoa / 3^a pessoa em função de 2^a ($2^a/3^a=2^a$)*

- 3ª pessoa (3ª)

2) Número gramatical:

- *singular (SING)*

- *plural (PLUR)*

3) Gênero gramatical

- *masculino (MASC)*

- *feminino (FEM)*

3.3.2.1. 1ª pessoa

Exemplos:

1ª, SING, OD

CLIT: (16) Percebendo isso, Raul levou-**me** para sua sala, segurando-**me** delicadamente pelo braço, como se eu fosse uma pessoa doente. (ROM1 p.96)

SUB-TON: (17) Deixa **eu** entrar. (ROM1 p.67)

SUPR: (18) A maioria das pessoas me reconhecem mais por causa do especial Elis. As pessoas ficam olhando, algumas [Ø] reconhecem. (JOR)

1ª, PLUR, OD

CLIT: (19) Um detetive portando um torquês **nos** acompanhou, (...). (ROM1 p.52)

SUB-TON: (20) Adoro suas criticas, faz todos os cds interessantes. E deixa **a gente** com curiosidade de experimentar.

SUPR: -

1ª, SING, OI

CLIT: (21) Disseram-**me** que em cima da minha casa vai passar um viaduto. (ROM1 p.11)

SUB-TON: (22) bom dia, gostaria que mandassem **pra mim** o email da cantora marina machado (COM)

SUPR:-

1ª, PLUR, OI

CLIT: (23) Deus nos criou e **nos** deu o sopro de vida mas cada um a seu modo (...). (BLOG)

SUB-TON: (24)(...)fiquei com uma vontade incontrolável de fazer igual ao que tinha visto nos livros de historietas de sacanagem em quadrinhos que Débora roubava dos irmãos aos montões e levava para o colégio para mostrar **à gente**. (ROM2 p.36)

SUPR: -

3.3.2.2. 2ª pessoa/3ª pessoa em função de 2ª

A razão por que se optou por analisar os clíticos (e a substituição ou supressão dos clíticos) da 2ª pess. e da 3ª pess. em função de 2ª, juntos, foi o fato de ser muito comum no PB utilizar pronomes – tanto átonos como tônicos - da 3ª pessoa para designar a 2ª pessoa (cf. o uso de *você* em vez de *tu*), e portanto não fez sentido, a meu ver, distinguir entre formas da 2ª e 3ª pessoa nos casos em que o OD ou OI de fato designasse a 2ª pessoa.

Exemplos:

2ª/3ª=2ª, SING, OD

CLIT: (25) **Te** amo de montão! (COM) / (26) É um prazer tê-**lo** como advogado, doutor Mandrake. Posso chamá-**lo** pelo sobriquet? (ROM1 p.15)

SUB-TON: (27) Mas vou confessar uma coisa que vai surpreender **você**. (ROM1 p.37)

SUPR: (28) Um fã, um carinho de uma pessoa que gosta ou que [Ø] admira, que [Ø] acompanha pelo vídeo, tudo isso é muito bacana, é muito positivo. (JOR)

2ª/3ª=2ª, PLUR, OD

CLIT: - / (29) (...) como vocês não se cadastraram, gostaria saber se há alguma duvida, se posso ajudá-**los** de alguma forma. (COM)

SUB-TON: (30) Amo **vocês** demais (COM)

SUPR: -

2^a/3^a=2^a, SING, OI

CLIT: (31) Por isso, quero **te** deixar um beijão enorme! (COM)

(32) (...)um disco que funde o espírito de Billie Holiday com o soul escultural de Erykah Badu. Até mesmo um ouvinte apressado **lhe** dirá que seu criador é bastante especial. (BLOG)

SUB-TON: (33) Sabe por que eu queria saber qual a marca de charuto que você fumava? Para dar uma caixa **para você**. (ROM1 p.37)

SUPR: -

2^a/3^a=2^a, PLUR, OI

CLIT: (34) Novembro em 2006 e o Musicoteca nunca sentiu tanto, mas tanto prazer em disponibilizar uma obra como a que **vos** deixo agora. (BLOG) / (35) Vou contar-**lhes** umas coisas, mas antes tenho de dar umas informações preliminares. (ROM2 p.75)

SUB-TON: (36) Mas queria também falar **pra vocês** que tenho pensado bastante em novas idéias pro meu novo CD, (...). (BLOG)

SUPR: -

3.3.2.3. 3^a pessoa

É um fato verificado tanto pelos resultados da presente análise como pelos resultados apresentados em outros estudos sobre o tema, que são os clíticos da 3^a pess. do OD os que principalmente se evitam no PB. Embora um dos objetivos deste estudo seja o de mostrar que também outros clíticos são substituídos ou suprimidos com bastante

freqüência, acho que seria interessante entrar mais ao fundo dos diferentes aspectos da substituição ou supressão dos clíticos desta categoria em especial. Por isso se optou por analisar a distribuição das variantes/técnicas segundo o gênero gramatical da 3ª pess. do OD, além de - como veremos mais adiante - segundo se o OD (da 3ª pess.) for animado ou não animado (cf. o cap. 3.3.4.).

Exemplos:

3ª, SING, OD (MASC/FEM)

CLIT: (37) Desde que **a** ouvi pela primeira vez, eu falei essa é a promessa da MPB!
(COM)

SUB-TON: (38) Só que eu namoro **ela** há dois meses, conheço **ela** há dois meses. (JOR)

SUPR: (39) Nós criamos os bois e vocês, paulistas, [Ø] comem, não e isso? (ROM1 p.102)

3ª, PLUR, OD (MASC/FEM)

CLIT: (40) O Oriente Médio respeita quem **os** governa. (BLOG)

SUB-TON: (41) Eu passei a vida inteira levando **eles** para o teatro, exposições. (JOR)

SUPR: (42) “Tive de tomar soro, antialérgico, dipirona e remédio para estômago”, enumera a servidora, que afirma ter ficado com trauma de insetos. “Ave Maria! Não [Ø] posso ver nem pelo vidro. Agora, vejo mosquito e acho que é abelha.” (JOR)

3ª, SING, OI

CLIT: (43) Fumar depois do café às vezes **lhe** dava vontade de ir ao banheiro novamente e **lhe** causava pânico a idéia de precisar fazer isso durante a viagem. (ROM2 p.24)

SUB-TON: (44) Quero mandar um beijo para o meu maridão (...) e dizer **a ele** que ele é o autor e o diretor do melhor beijo do mundo. (COM)

SUPR: (45) Foi esse o nome que Danusa [Ø] deu. (ROM1 p.12)

3ª, PLUR, OI

CLIT: (46) No entanto, ao introduzir frutas da Europa e da Ásia, que **lhes** agradavam ao paladar, (...), os portugueses acabaram relegando as nativas a um plano secundário. (JOR)

SUB-TON: (47) Esperemos até amanhã. Se não rolar, temos que mandar um email **pra eles**. (BLOG)

SUPR: -

3.3.3. Fatores/parâmetros sintáticos

Os parâmetros e grupos de parâmetros sintáticos analisados foram os seguintes:

1) A estrutura sintática:

- *objeto direto (OD)*

- *objeto indireto (OI)*

2) O contexto sintático do OD:

- *OD + predicativo (OD+PRED)*

- *OD + infinitivo (OD+INF)*

3) As formas contraídas

- *as diferentes combinações de OI e OD possíveis (CLIT OI+CLIT OD, SUB-TON OI + SUPR OD etc.)*

3.3.3.1. Estrutura sintática

Os parâmetros utilizados para avaliar a distribuição das variantes/técnicas segundo a estrutura sintática, foram o *objeto direto (OD)* e o *objeto indireto (OI)*. Na análise do corpus se distinguiu entre o clítico/a substituição ou supressão do clítico do OD e o clítico/a substituição ou supressão do clítico do OI. Em todas as categorias da análise, exceto nas que se analisaram só os clíticos do OD, se fez esta distinção, já que, a meu ver, não faz sentido neste contexto analisar os clíticos do OD e os clíticos do OI juntos.

3.3.3.2. O contexto sintático do OD

Os parâmetros utilizados para avaliar a distribuição das variantes/técnicas segundo o contexto sintático do OD foram os seguintes:

- OD seguido por um predicativo obrigatório do OD (OD+PRED)
- OD seguido por um infinitivo (OD+INF)

A razão por que se optou por analisar a distribuição das variantes/técnicas segundo o contexto sintático do OD, foi para verificar se a substituição ou supressão do clítico ocorresse com mais frequência nos casos em que o OD fosse seguido por um predicativo obrigatório do OD (cf. ex. (48), (49) e (50)) ou um infinitivo (cf. ex. (51), (52) e (53)). A minha hipótese era que nos casos de OD+PRED – em especial se fosse um predicativo obrigatório do OD – seria comum a supressão do clítico (50), e também – até certo ponto – a substituição por um pronome tônico (49). No que se refere aos casos de OD+INF, se antecipava que se verificaria uma alta frequência sobretudo da substituição por um pronome tônico. Aqui é preciso especificar que nos casos de OD+INF em que o clítico seja substituído por um pronome tônico (que é, de fato, um *pronome sujeito*), o que originalmente era o OD da oração chega, como consequência da substituição, a funcionar como o *sujeito* de uma oração infinitiva.

Exemplos:

OD+PRED

(48) (...)eles **me** acham doido(...) (COM)

(49) (...)quando elegeram **ela** a mulher mais cool(...) (COM)

(50) Ouvi este disco e achei [Ø] bom. (COM)

OD+INF

(51) (...) uma menina alta, morena, de abundantes cabelos anelados que cobriam sua cabeça como uma pirâmide de fios crespos de cipó negro que desciam até os ombros fazendo-a parecer uma bela árvore frondosa. (ROM1 p.56)

(52) Deixa **eu** ver. (COM)

(53) Gosto muito do seu trabalho, faltou **eu** dizer. (COM)

3.3.3.3 *As formas contraídas (OI+OD)*

Uma das conseqüências mais evidentes da substituição e supressão do clítico, é a eliminação quase total das formas contraídas no PB. As formas contraídas são as contrações entre clíticos do OI e do OD (me+o(s)=mo(s), me+a(s)=ma(s), lhe+o(s)=lho(s) etc.). Esta contração é, segundo a norma, obrigatória nos casos em que um clítico do OI e um clítico do OD apareçam juntos. Os casos no corpus em que no PE – ou, mais especificamente, no PE escrito e nos registros mais formais do PE falado – seria natural utilizar as formas contraídas, foram identificados e analisados quantitativamente no fim de verificar quais são as variantes ou técnicas, ou – melhor dito – as combinações de variantes e técnicas (supr. do OD + subst. do OI, supr. do OD + clit. do OI etc.) mais freqüentes utilizadas para se evitarem tais formas no PB. A seguir se apresentarão alguns exemplos das combinações mais comuns encontradas:

Exemplos:

(54) (...)é só vc escolher que eu [Ø] **upo para vc**, obrigado. (COM)

(55) Seria mais fácil arrancar meu coração e **dar [Ø] para ela**. (JOR)

(56) Não consegui baixar o arquivo...alguém **pode me [Ø] passar?** (COM)

3.3.4. **Fatores/parâmetros semânticos: O traço semântico do OD**

Os únicos parâmetros semânticos utilizados na análise, são as que se referem ao traço semântico do OD. O termo *traço semântico* aqui se refere à distinção entre um objeto animado (+ANIM) e um objeto não animado (-ANIM). É evidente que os clíticos de 1^a e 2^a pessoa – seja do OD ou do OI – sempre é animado, o que também é o caso – pelo menos em grande parte – da 3^a pess. do OI. Porém, quando se trata de um clítico de 3^a pessoa – seja qual for o seu gênero ou número gramatical – pode ser ou animado ou não animado. Por isso se limitou, neste estudo, a analisar a relação entre ODs animados e

não animados da 3ª pess. (SING e PLUR) no que diz respeito á distribuição e extensão das variantes/técnicas de substituição ou supressão.

Exemplos:

+ANIM

(58) Raul começava a ficar embriagado, o que **o tornava** alegre e generoso. (ROM1 p.43)

(59) essa menina eu baixei só porque achei **ela** muito gostosa (COM)

(60) Meus pais querem me ver feliz e se a mulher que estiver do meu lado me fizer feliz, eles vão amar [Ø], aprovar [Ø] e trazer [Ø] para a família. (JOR)

-ANIM

(61) A injeção ficou pronta, o enfermeiro ficou com ela na mão algum tempo e e depois colocou-a de volta na caixa. (ROM1 p.80)

(62) Catei revistas e correspondências, papéis inúteis, (...), recibo do sapateiro e mais um tanto de coisa inclassificável e joguei [Ø] no lixo, feliz. (BLOG)

(63) Não estou conseguindo baixar esse disco. (...) Poderia repostar [Ø]? (COM)

3.3.5. Fatores/ parâmetros estilísticos ou discursivos

Os parâmetros e grupos de parâmetros estilísticos ou discursivos analisados foram as seguintes:

1) Gênero estilístico/tipo de texto

- *comunicação textual na internet (blogs e foros de comentários e debate)*
- *textos jornalísticos (noticias e entrevistas de jornais e revistas on-line)*
- *textos ficcionais (dois romances contemporâneos)*

2) Discurso ou registro

Comunicação textual na internet:

- *foros de comentários e debate (língua espontânea/coloquial)*
- *blogs (língua coloquial/semi-formal)*

Textos jornalísticos:

- *o discurso direto/citado em textos jornalísticos (língua espontânea/coloquial)*
- *o discurso indireto/narrado em textos jornalísticos (língua formal/culta)*

Textos ficcionais:

- *o discurso direto/citado em textos ficcionais (língua espontânea/coloquial)*
- *o discurso indireto/narrado em textos ficcionais (língua formal/culta)*

Além de analisar a distribuição das variantes/técnicas dentro de cada uma das categorias (gêneros e discursos/registros) do corpus, se compararam os textos representativos da língua espontânea ou coloquial, com os que representam a língua formal ou culta. Para fazer estas comparações se dividiram os textos em dois grupos:

Língua espontânea ou coloquial:

- *comunicação textual na internet (blogs e foros de comentários e debate)*
- *o discurso direto/citado em textos jornalísticos*
- *o discurso direto/citado em textos ficcionais*

Língua formal ou culta:

- *o discurso indireto/narrado em textos jornalísticos*
- *o discurso indireto/narrado em textos ficcionais*

No princípio, a minha intenção foi a de incluir também os blogs no grupo de textos representativos da língua formal ou culta. No entanto, verificou-se que a linguagem dos blogs ficava muito mais perto da que se encontrava em outros tipos de comunicação por internet (ou seja, nos foros de comentários e debate) do que da linguagem dos registros mais formais dos textos jornalísticos e ficcionais, o que fez com que também os textos dos blogs em fim foram incluídos no grupo de textos representativos da língua espontânea ou coloquial.

4. RESULTADOS DA ANÁLISE QUANTITATIVA: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

4.1. DISTRIBUIÇÃO DAS VARIANTES/TÉCNICAS SEGUNDO FATORES MORFOLÓGICOS

4.1.1. Distribuição das variantes/técnicas segundo pessoa e o número gramatical

QUADRO 1 – PESSOA E NÚMERO GRAMATICAL

Variante/ técnica	Estrutura sintática	SING			PLUR			Total (%)
		1 ^a (%)	2 ^a /3 ^a =2 ^a (%)	3 ^a (%)	1 ^a (%)	2 ^a /3 ^a = 2 ^a (%)	3 ^a (%)	
CLIT	OD	283 (95.3)	177 (79.4)	308 (39.9)	30 (88.2)	12 (30.8)	48 (59.3)	858 (59.4)
	OI	211 (96.8)	72 (83.7)	97 (61.8)	21 (91.4)	2 (14.3)	6 (75.0)	409 (80.8)
SUBST- TON	OD	10 (3.4)	38 (17.0)	40 (5.2)	4 (11.8)	24 (61.5)	3 (3.7)	119 (8.2)
	OI	7 (3.2)	14 (16.3)	49 (31.2)	1 (4.3)	12 (85.7)	2 (25.0)	85 (16.8)
SUPR	OD	4 (1.3)	8 (3.6)	423 (54.9)	0 (0.0)	3 (7.7)	30 (37.0)	468 (32.4)
	OI	0 (0.0)	0 (0.0)	11 (7.0)	1 (4.3)	0 (0.0)	0 (0.0)	12 (2.4)
TOTAL	OD	297 (100)	223 (100)	771 (100)	34 (100)	39 (100)	81 (100)	1445 (100)
	OI	218 (100)	86 (100)	157 (100)	23 (100)	14 (100)	8 (100)	506 (100)

4.1.1.1. 1^a pess.

Como mostram os resultados apresentados no quadro 1 acima, ainda é comum e freqüente no PB o emprego dos clíticos da 1^a pess. do singular, tanto do OD como do OI. Entre os poucos casos em que não se emprega o clítico, a técnica mais comum é a

de substituição por um pronome tônico. Mais adiante (cf. a tabela B1, p.43) veremos que a maioria dos casos em que o clítico da 1ª pess. do singular é substituído por um pronome tônico (ou seja, pela forma tônica *eu*), são casos em que o OD é seguido por um infinitivo e de fato chega a funcionar como o sujeito da oração (cf., entre outros, o ex. (17), p.37).

No que se refere ao clítico de 1ª pess. do plural, acontece mais ou menos a mesma coisa do que se verifica no singular. O clítico *nos* também se mostra bastante comum e freqüente no PB, e nos casos em que não se utiliza o clítico, a substituição por um pronome tônico é a técnica preferida, em especial no caso do OD. Em todos os casos em que o clítico *nos* é substituído, a forma tônica utilizada no seu lugar é o substantivo *a gente*, forma esse que se vai manifestando no PB como a forma tônica mais comum para designar a 1ª pess. do plural (em vez da forma *nós*) – o que também explica a sua posição como forma preferida de substituição do clítico *nos*.

4.1.1.2. 2ª pess./3ª pess. em funç. de 2ª

Quanto à 2ª pess./3ª pess. em função de 2ª no plural, é interessante notar que 61.5% dos clíticos do OD e 85% dos clíticos do OI são substituídos por um pronome tônico. Só em 30.8% dos casos se utiliza o clítico do OD, e – ainda mais surpreendente – só encontrei dois casos (constituindo um 14.3% do total) do emprego do clítico do OI do plural nesta categoria, um destes sendo – de fato – o clítico *vos* (cf. o ex. (34), p.39), clítico esse que já está fora de uso no PB (mas que segue sendo utilizado no PE). A razão por quê este clítico aparece num texto escrito por um brasileiro não se sabe com certeza, mas a minha suposição é que o autor do texto o utilizou simplesmente como um “meio estilístico”. De qualquer forma, será que a ausência quase total do clítico do OI da 3ª pess. do plural *lhes*, em função de 2ª pess. nos textos do corpus, significa que esta forma (quando em função de 2ª pess.) já está em “processo de extinção” no PB? Os dados encontrados nesta análise podem, a meu ver, indicar que isto está acontecendo.

4.1.1.3. 3ª pess.

Como antecipado, a freqüência da supressão do clítico mostrou-se ser definitivamente maior entre os ODs da 3ª pess. do que entre as outras pessoas gramaticais. Segundo os dados encontrados neste estudo, mais que a metade (54.9 %) dos clíticos da 3ª pess. do OD são suprimidos (nos casos em que se supõe que no PE seria natural o emprego do clítico). O que surpreendeu um pouco, a meu ver, é que a substituição por um pronome

tônico só constitui um 5.2% do total dos casos de 3^a pess. do singular do OD, enquanto o emprego do clítico constitui um 39.9%. Ou seja, os dados mostram que ainda não se exterminaram por completo os clíticos da 3^a pess. do OD, mas que também não se pode verificar com certeza que isto não vai acontecer em algum futuro não muito distante.

No que diz respeito à 3^a pess. do OD do plural, a supressão do clítico parece ser menos comum que no singular, mas também aqui esta técnica se mostra bastante freqüente comparado, por exemplo, com os dados encontrados sobre a 1^a e 2^a pess. do OD. Também no plural parece que se prefere ou o emprego do clítico ou a supressão, e nem tanto a substituição por um pronome tônico na realização da 3^a pess. do OD.

No caso da 3^a pess. do OI, verifica-se que é bastante comum a substituição por um pronome tônico, ou seja, por um pronome tônico precedido de preposição (os mais comuns sendo *a*, *para* e *em*). No singular, esta técnica constitui um 31.2% do total, enquanto a supressão constitui um 7%. No que diz respeito ao plural, é difícil tirar uma conclusão definitiva a partir dos dados encontrados, já que os casos da 3^a pessoa do OI do plural no corpus eram muito poucos. Só se encontraram 8 casos, entre os quais 6 eram clíticos e 2 eram casos de substituição por um pronome tônico. Não se encontrou nenhum caso de supressão da 3^a pess. do plural do OI, o que também foi o caso da maioria dos outros OIs, só com a exceção da 3^a pess. do singular (11 casos) e da 1^a pess. do plural (1 caso).

4.1.2. Distribuição das variantes/técnicas segundo o gênero gramatical do OD

QUADRO 2 – GÊNERO GRAMATICAL DO OD

Técnica/ variante	SING		PLUR		Total (%)	
	MASC (%)	FEM (%)	MASC (%)	FEM (%)	MASC (%)	FEM (%)
CLIT	183 (31.7)	125 (64.4)	28 (54.9)	20 (66.7)	211 (33.6)	145 (64.7)
SUBST-TON	26 (4.5)	14 (7.2)	2 (3.9)	1 (3.3)	28 (4.5)	15 (6.7)
SUPR	368 (63.8)	55 (28.4)	21 (41.2)	9 (30.0)	389 (61.9)	64 (28.6)
TOTAL	577 (100)	194 (100)	51 (100)	30 (100)	628 (100)	224 (100)

O que realmente salta à vista nos resultados apresentados no quadro A2, são a percentagem muito alta da supressão do clítico da 3ª pess. do singular do OD, masculino, comparada com a dos outros clíticos da 3ª pess. do OD. Segundo os dados apresentados neste quadro, a supressão constitui um 63.8% do total de 577 casos encontrados da 3ª pess. do singular do OD, masculino, fazendo a supressão a técnica definitivamente mais utilizada para evitar os clíticos desta categoria. No plural a supressão também se mostra bastante dominante, mas aqui a variante mais comum parece, de fato, ser o emprego do clítico.

No que se refere à 3ª pessoa do OD, feminino, o clítico é a variante mais freqüente tanto no singular como no plural. No entanto – embora não sendo tão predominante como no caso do masculino – a supressão do clítico tem uma posição bastante forte também nesta categoria.

Quanto à substituição do clítico da 3ª pess. do OD – tanto feminino como masculino – por um pronome tônico, parece-me surpreendente que a freqüência desta técnica seja tão baixa, já que uma percepção comum quanto à substituição do clítico por um pronome tônico em outros estudos e artigos sobre o tema, parece ser que também esta técnica é mais freqüente no caso dos clíticos da 3ª pess. do OD que no caso de outros clíticos.

4.2. DISTRIBUIÇÃO DAS VARIANTES/TÉCNICAS SEGUNDO FATORES SINTÁTICOS

4.2.1. Distribuição das variantes/técnicas segundo o contexto sintático do OD

QUADRO 3 – O CONTEXTO SINTÁTICO DO OD

Variante /técnica	Contexto sintático do OD	SING			PLUR			Total (%)
		1 ^a (%)	2 ^a /3 ^a = 2 ^a (%)	3 ^a (%)	1 ^a (%)	2 ^a /3 ^a = 2 ^a (%)	3 ^a (%)	
CLIT	OD+	29	8	27	2	0	0	66
	PRED	(100)	(88.9)	(58.7)	(66.7)	(0.0)	(0.0)	(74.2)
	OD+INF	19	4	24	1	0	0	48
		(70.4)	(57.1)	(80.0)	(100)	(0.0)	(0.0)	(72.7)
	OUTROS	235	165	257	27	12	48	744
		(97.5)	(79.7)	(37.0)	(90.0)	(33.3)	(59.3)	(57.7)
SUB-TON	OD+	0	1	5	1	2	0	9
	PRED	(0.0)	(11.1)	(10.9)	(33.3)	(100)	(0.0)	(10.1)
	OD+INF	7	3	6	0	1	0	17
		(25.9)	(42.9)	(20.0)	(0.0)	(100)	(0.0)	(25.8)
	OUTROS	3	34	29	3	21	3	93
		(1.25)	(16.4)	(4.2)	(10.0)	(58.4)	(3.7)	(7.2)
SUPR	OD+	0	0	14	0	0	0	14
	PRED	(0.0)	(0.0)	(30.4)	(0.0)	(0.0)	(0.0)	(15.7)
	OD+INF	1	0	0	0	0	0	1
		(3.7)	(0.0)	(0.0)	(0.0)	(0.0)	(0.0)	(1.5)
	OUTROS	3	8	409	0	3	30	453
		(1.25)	(3.9)	(58.8)	(0.0)	(8.3)	(37.0)	(35.1)
TOT	OD+	29	9	46	3	2	0	89
	PRED	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)
	OD+INF	27	7	30	1	1	0	66
		(100)	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)
	OUTROS	241	207	695	30	36	81	1290
		(100)	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)

Os dados apresentados no quadro 3 mostram que o clítico é a variante mais comum tanto nos casos de OD+PRED como nos casos de OD+INF. Quanto à 1ª pess. do singular, o clítico é, de fato, a única variante utilizada nos casos de OD+PRED encontrados – o que não estranha, tomando em consideração que os clíticos da 1ª pess. do singular tanto do OD como do OI são entre os clíticos menos substituídos e suprimidos em geral no corpus. No entanto, vê-se que o clítico da 1ª pess. é substituído por um pronome tônico em 25.9% dos casos de OD+INF encontrados nesta categoria, o que indica que as construções do tipo “deixa eu ver”, “mandou eu dizer” etc. são bastante comuns no PB. Só se encontrou um caso de supressão do clítico da 1ª pess. entre os casos do OD+INF. Tanto no caso de OD+INF como no caso de OD+PRED os clíticos da 3ª pess. do singular são os que mais são substituídos – além do clítico de 1ª pessoa do singular no caso de OD+INF. Também no caso dos clíticos da 2ª pess./3ª pess. em função de 2ª, se verifica uma tendência bastante dominante de substituir o clítico nos casos de OD+INF. No que se refere à supressão, é interessante notar que, nos casos de OD+PRED mais de 30% dos clíticos da 3ª pess. do singular são suprimidos, o que está de acordo com a tendência que se verifica no corpus em geral no que diz respeito aos clíticos da 3ª pess. do singular do OD.

4.2.2. Distribuição das variantes/técnicas nos casos em que no PE escrito seria natural utilizar as formas contraídas

A seguir se apresentarão os resultados da análise no que diz respeito à frequência das diferentes combinações de variantes/técnicas possíveis, nos casos em que seria natural no PE escrito, utilizar as formas contraídas.

QUADRO 4 – AS FORMAS CONTRAÍDAS

Combinações	Total (%)
CLIT OI + CLIT OD (Formas contraídas)	0 (0.0)
SUPR OI + CLIT OD	0 (0.0)
CLIT OI + SUPR OD	17 (65.5)
SUB-TON OI + CLIT OD	1 (3.8)
CLIT OI + SUB-TON OD	0 (0.0)
SUPR OI + SUPR OD	3 (11.5)
SUB-TON OI + SUB-TON OD	0 (0.0)
SUB-TON OI + SUPR OD	0 (0.0)
SUPR OI + SUB-TON OD	5 (19.2)
TOTAL	26 (100)

Os resultados mostraram que a técnica (ou combinação de variantes/técnicas) definitivamente mais comum nestes casos, foi a do emprego do clítico do OI em combinação com a supressão do clítico do OD (CLIT OI+SUPR OD), constituindo um 65.5% do total com 17 casos. De fato, não encontrei nenhum caso das formas contraídas (CLIT OI+CLIT OD) nas 600 páginas do corpus, o que pode indicar que a tendência de evitar as formas contraídas se verifica não só nos registros mais informais (onde a substituição ou supressão dos clíticos são fenômenos mais frequentes), mas também na língua formal ou culta representada no corpus pelos textos ficcionais e jornalísticos. Outras combinações de variantes/técnicas utilizadas nestes casos foram a substituição do clítico do OI +o emprego do clítico do OD (1 caso), a supressão do clítico do OI + a supressão do clítico do OD (3 casos), e a supressão do clítico do OI + a substituição do clítico do OD (5 casos). Os resultados desta análise podem, a meu ver, indicar que as formas contraídas já estão “em vias de extinção” no PB.

4.3. DISTRIBUIÇÃO DAS VARIANTES/TÉCNICAS SEGUNDO FATORES SEMÂNTICOS

4.3.1. Distribuição das variantes/técnicas segundo o traço semântico do OD

(3ª pess.)

QUADRO 5 – O TRAÇO SEMÂNTICO DO OD

Variante/ técnica	Traço sem- ântico	SING		PLUR		Total (%)
		MASC (%)	FEM (%)	MASC (%)	FEM (%)	
CLIT	+ANIM	115 (77.2)	90 (76.2)	16 (80.0)	8 (57.2)	229 (76.1)
	-ANIM	62 (20.2)	35 (46.7)	12 (38.7)	12 (75.0)	121 (28.2)
SUB-TON	+ANIM	25 (16.8)	14 (11.9)	0 (0.0)	1 (7.1)	40 (13.3)
	-ANIM	1 (0.3)	0 (0.0)	2 (6.5)	0 (0.0)	3 (0.7)
SUPR	+ANIM	9 (6.0)	14 (11.9)	4 (20.0)	5 (35.7)	32 (10.6)
	-ANIM	244 (79.5)	40 (53.3)	17 (54.8)	4 (25.0)	305 (71.1)
TOT	+ANIM	149 (100)	118 (100)	20 (100)	14 (100)	301 (100)
	-ANIM	307 (100)	75 (100)	31 (100)	16 (100)	429 (100)

No que diz respeito à distribuição das diferentes variantes/técnicas segundo o traço semântico do OD da 3ª pessoa, é muito interessante notar que 71.1% dos ODs da 3ª pess. não animados são suprimidos. A maioria destes casos são constituídos por ODs da 3ª pess. do masculino. Esta categoria constitui um 79.5% do total dos ODs da 3ª pess. do singular, masculino, não animados. Estes resultados confirmam uma suspeita que tinha antes de começar com esta análise, de que quanto mais abstrato é o significado do

OD ao qual o clítico se refere, mais comum é a supressão do clítico. Tomando isto em consideração; já que um objeto animado não pode ser abstrato, não estranha que seja principalmente nos casos de ODs não animados que se verifica a maior freqüência da supressão do clítico. Também se nota que não é muito comum a substituição dum OD não animado por um pronome tônico – o que também não estranha, a meu ver, já que os pronomes tônicos (que neste caso seriam *ele(s)* e *ela(s)*) utilizados como formas de substituição, de fato são pronomes de sujeito, que pelo menos no princípio são supostos para designar uma pessoa (que, se fosse um OD, seria um objeto animado). Se verifica esta tendência também nos casos em que o OD é animado, onde se vê que – ao contrario do que é o caso com os ODs não animados – os clíticos são substituídos com bastante freqüência.

4.4. DISTRIBUIÇÃO DAS VARIANTES/TÉCNICAS SEGUNDO FATORES ESTILÍSTICOS OU DISCURSIVOS

Uma das razões mais importantes por que se deu tanto relevo aos fatores estilísticos e discursivos neste estudo, foi o desejo de tocar aspectos do fenômeno de substituir ou suprimir o clítico no PB até agora não analisados ou estudados. Um destes aspectos foi a relação entre este fenômeno e os diferentes *níveis da língua*. A meu ver, este aspecto da problemática estudada representa um dos aspectos mais interessantes e relevantes a serem focalizados neste contexto. Por isso se analisou, neste estudo, a relação entre os diferentes níveis estilísticos e discursivos representados no corpus, no que diz respeito ao uso e a substituição ou supressão do clítico. A seguir se apresentarão os dados que se referem à distribuição das variantes/técnicas segundo fatores estilísticos ou discursivos.

QUADRO 6 – GÊNERO ESTILÍSTICO/TIPO DE TEXTO

Variante/técnica	Estrutura sintática	Comunicação textual por internet (%)		Textos jornalísticos (%)		Textos ficcionais (%)		Total (%)	
CLIT	OD	416 (56.2)	301 (50.9)	258 (64.5)	210 (61.2)	594 (73.3)	348 (68.1)	1268 (65.0)	858 (59.4)
	OI		115 (76.7)		48 (84.2)		246 (82.3)		409 (80.8)
SUB-TON	OD	87 (11.7)	54 (9.2)	24 (6.0)	15 (4.4)	93 (11.5)	50 (9.8)	204 (10.5)	119 (8.2)
	OI		33 (22.0)		9 (15.8)		43 (14.4)		85 (16.8)
SUPR	OD	238 (32.1)	236 (39.9)	118 (29.5)	118 (34.4)	124 (15.2)	114 (22.1)	480 (24.5)	468 (32.4)
	OI		2 (1.3)		0 (0.0)		10 (3.3)		12 (2.4)
TOT	OD	741 (100)	591 (100)	400 (100)	343 (100)	811 (100)	512 (100)	1952 (100)	1446 (100)
	OI		150 (100)		57 (100)		299 (100)		506 (100)

QUADRO 7 – COMUNICAÇÃO TEXTUAL NA INTERNET

Variante/técnica	Estrutura sintática	Comentários/debate (%)		Blogs (%)		Total (%)	
CLIT	OD	273 (53.5)	201 (47.2)	143 (62.2)	100 (60.6)	416 (56.2)	301 (50.9)
	OI		72 (84.7)		43 (66.2)		115 (76.7)
SUB-TON	OD	61 (11.9)	48 (11.3)	26 (11.3)	6 (3.6)	87 (11.7)	54 (9.2)
	OI		13 (15.3)		20 (30.7)		33 (22.0)
SUPR	OD	177 (34.6)	177 (41.5)	61 (26.5)	59 (35.8)	238 (32.1)	236 (39.9)
	OI		0 (0.0)		2 (3.1)		2 (1.3)
TOT	OD	511 (100)	426 (100)	230 (100)	165 (100)	741 (100)	591 (100)
	OI		85 (100)		65 (100)		150 (100)

QUADRO 8 – TEXTOS JORNALÍSTICOS

Variante/técnica	Estrutura sintática	Discurso direto/citado (%)		Discurso indireto/narrado (%)		Total (%)	
CLIT	OD	225 (62.5)	182 (59.1)	33 (82.5)	28 (80.0)	258 (64.5)	210 (61.2)
	OI		43 (82.7)		5 (100)		48 (84.2)
SUB-TON	OD	21 (5.8)	12 (3.9)	3 (7.5)	3 (8.6)	24 (6.0)	15 (4.4)
	OI		9 (17.3)		0 (0.0)		9 (15.8)
SUPR	OD	114 (31.7)	114 (37.0)	4 (10.0)	4 (11.4)	118 (29.5)	118 (34.4)
	OI		0 (0.0)		0 (0.0)		0 (0.0)
TOT	OD	360 (100)	308 (100)	40 (100)	35 (100)	400 (100)	343 (100)
	OI		52 (100)		5 (100)		57 (100)

QUADRO 9 – TEXTOS FICCIONAIS

Variante/técnica	Estrutura sintática	Discurso direto/citado (%)		Discurso indireto/narrado (%)		Total (%)	
CLIT	OD	257 (60.9)	114 (47.7)	337 (86.9)	234 (85.4)	594 (73.3)	348 (68.1)
	OI		143 (77.3)		103 (90.4)		246 (82.3)
SUB-TON	OD	82 (19.4)	47 (19.8)	11 (2.8)	3 (1.1)	93 (11.5)	50 (9.8)
	OI		35 (18.9)		8 (7.0)		43 (14.4)
SUPR	OD	84 (19.7)	77 (32.5)	40 (10.3)	37 (13.5)	124 (15.2)	114 (22.1)
	OI		7 (3.8)		3 (2.6)		10 (3.3)
TOT	OD	423 (100)	238 (100)	388 (100)	274 (100)	811 (100)	512 (100)
	OI		185 (100)		114 (100)		299 (100)

Os dados apresentados no quadro 6 acima, mostram a distribuição das variantes/técnicas nos diferentes gêneros estilísticos ou tipos de textos do corpus, que são: comunicação textual na internet, textos jornalísticos e textos ficcionais. Num modo geral se pode dizer que a extensão do uso das técnicas de substituição ou supressão em vez do clítico, indica com bastante pertinência o nível de formalidade (ou de “coloquialidade”) do texto ou da categoria de textos em questão. Tomando isto em consideração, não deve estranhar que as técnicas de substituição ou supressão se mostraram definitivamente mais freqüentes nos textos de comunicação por internet.

A distinção entre, por um lado, os textos de comentários e debate, e por outro, os textos de blogs, pode, no princípio, parecer um pouco difusa. O que fez com que – apesar disto – se optasse por fazer esta distinção, foi a noção de que muitos dos blogs

são escritos num estilo mais formal e mais “literário” que o que parecia ser o caso com a maioria dos textos encontrados em foros de comentários e debate. Porém, como mostram os dados apresentados acima no quadro 7, as diferenças entre as duas categorias mostraram-se não ser tão significativas como se antecipava. Nota-se, por exemplo, que a frequência da substituição do clítico por um pronome tônico é quase a mesma nas duas categorias, a única diferença sendo que nos textos de comentários e debate, a substituição do clítico do OD é a mais freqüente, em quanto nos blogs são os clíticos do OI os que mais se substituem. A supressão do OD se mostrou um pouco mais freqüente nos textos de comentários e debate, do que nos blogs, o que está de acordo com o que se esperava.

No que se refere aos textos jornalísticos e ficcionais, a situação foi mais ou menos a mesma em ambas as categorias: se verificou um alto nível de coloquialidade (ou tal vez seja mais pertinente utilizar o termo *oralidade* neste caso) no caso do discurso direto ou citado, e um alto nível de formalidade no discurso indireto ou narrado no que diz respeito à extensão do uso das técnicas de substituição ou supressão. Tanto os textos jornalísticos como os textos ficcionais são ótimos exemplos da grande contraste que existe entre os registros coloquiais e os registros formais do PB no que diz respeito à substituição ou supressão do clítico, já que ambas as categorias representam tanto a língua coloquial ou espontânea (representada pelo discurso direto ou citado) como a língua formal ou culta (representada pelo discurso indireto ou narrado).

4.4.1. Distribuição das variantes/técnicas nos textos do corpus que representam a língua espontânea/coloquial

QUADRO 10 – LÍNGUA ESPONTÂNEA/COLOQUIAL

Variante/técnica	Estrutura sintática	Comunicação textual por internet (comentários e debate+blogs)		Discurso direto/citado - textos jornalísticos		Discurso direto/citado - textos ficcionais		Total (%)	
CLIT	OD	416 (56.2)	301 (50.9)	225 (62.5)	182 (59.1)	257 (60.9)	114 (47.7)	898 (58.9)	597 (52.5)
	OI		115 (76.7)		43 (82.7)		143 (77.3)		301 (77.8)
SUB-TON	OD	87 (11.7)	54 (9.2)	21 (5.8)	12 (3.9)	82 (19.4)	47 (19.8)	190 (12.5)	113 (9.9)
	OI		33 (22.0)		9 (17.3)		35 (18.9)		77 (19.9)
SUPR	OD	238 (32.1)	236 (39.9)	114 (31.7)	114 (37.0)	84 (19.7)	77 (32.5)	436 (28.6)	427 (37.6)
	OI		2 (1.3)		0 (0.0)		7 (3.8)		9 (2.3)
TOT	OD	741 (100)	591 (100)	360 (100)	308 (100)	423 (100)	238 (100)	1524 (100)	1137 (100)
	OI		150 (100)		52 (100)		185 (100)		387 (100)

Comparando as diferentes categorias de discursos ou registros que representam a língua coloquial ou espontânea, nota-se que a categoria em que a frequência da substituição do clítico é mais alta, é no discurso direto ou citado em textos ficcionais. No entanto, a supressão é mais comum nas outras duas categorias (comunicação por internet e discurso direto/citado em textos jornalísticos). Além disso nota-se que também em comparação com os registros mais coloquiais dos textos jornalísticos e dos textos

ficcionalis, os textos de comunicação por internet (os textos de comentários e debate e os blogs) é a categoria em que se verifica o maior nível de coloquialidade no que se refere à distribuição das variantes/técnicas.

4.4.2. Distribuição das variantes/técnicas de substituição ou supressão nos textos que representam a língua formal/culta

QUADRO 11 – LINGUA FORMAL/CULTA

Variante/técnica	Estrutura sintática	Discurso indireto/narrado - textos jornalísticos (%)		Discurso indireto/narrado - textos ficcionais (%)		Total (%)	
CLIT	OD	33 (82.5)	28 (80.0)	337 (86.9)	234 (85.4)	370 (86.4)	262 (84.8)
	OI		5 (100)		103 (90.4)		108 (90.8)
SUB-TON	OD	3 (7.5)	3 (8.6)	11 (2.8)	3 (1.1)	14 (3.3)	6 (1.9)
	OI		0 (0.0)		8 (7.0)		8 (6.7)
SUPR	OD	4 (10.0)	4 (11.4)	40 (10.3)	37 (13.5)	44 (10.3)	41 (13.3)
	OI		0 (0.0)		3 (2.6)		3 (2.5)
TOT	OD	40 (100)	35 (100)	388 (100)	274 (100)	428 (100)	309
	OI		5 (100)		114 (100)		119 (100)

As duas categorias que representam a língua formal ou culta; o discurso indireto ou narrado nos textos jornalísticos e ficcionais, mostram-se, quando comparadas, quase

idênticas no que diz respeito ao “nível de formalidade”. Por exemplo, em ambas as categorias o emprego do clítico constitui mais de 80% do total, e a supressão do clítico pouco mais de 10% do total. Porém, é preciso tomar em conta que o número total de casos encontrados no caso do discurso indireto ou narrado em textos jornalísticos, foi muito baixo, e tal vez se precisaria analisar um maior número de casos para que as duas categorias apresentadas acima fossem totalmente comparáveis. Por enquanto, os dados apresentados no quadro nos podem dar pelo menos uma indicação de qual é a relação entre os discursos mais formais nos textos jornalísticos e nos textos ficcionais.

5. OBSERVAÇÕES E COMENTÁRIOS ADICIONAIS

5.1. TÉCNICAS DE SUBSTITUIÇÃO OU SUPRESSÃO QUE NÃO FORAM INCLUÍDOS NA ANÁLISE QUANTITATIVA

O objetivo principal desta tese foi o de identificar e fazer uma análise quantitativa das técnicas de substituição ou supressão do clítico mais comuns, ou seja a supressão (ou *objeto nulo*) e a substituição por um pronome tônico. Além disso também foi o meu objetivo identificar outras técnicas de substituição ou supressão, que não fazem parte da análise quantitativa, mas que pode valer a pena mencionar e discutir. A seguir se apresentarão alguns exemplos de técnicas ou estratégias utilizadas para evitar o clítico – ou *possivelmente* utilizadas para evitar o clítico – encontrados nos textos do corpus.

5.1.1. A substituição do clítico do OD por um pronome demonstrativo

Uma das possíveis técnicas de substituição do clítico do OD – fora da substituição por um pronome tônico – é a substituição do clítico por um pronome *demonstrativo*. Os demonstrativos são as formas *este(s)/esta(s)*, *esse(s)/essa(s)* e *aquela(s)/aquele(s)*, e os neutros *isto/isso*. São, antes de tudo, os neutros que se utilizam para substituir o clítico do OD nos textos do corpus. No princípio foi a minha intenção incluir também esta técnica na análise quantitativa. No entanto, percebendo que a frequência dos casos deste tipo de substituição era muito baixa frente às outras técnicas analisadas, e verificando que nenhum dos casos encontrados eram – a meu ver – casos indiscutíveis de substituição do clítico, optei por não analisá-los quantitativamente.

O problema desta “técnica”, é que as razões por que se utiliza um demonstrativo nos casos em que também se poderia utilizar um clítico, podem – a meu ver – variar, e nem sempre é por que se quer evitar o clítico. Por exemplo, uma razão pode ser, simplesmente, o desejo ou a intenção de acentuar ou pôr em relevo o fato, objeto ou enunciado em questão (cf. o ex. (64)), ou de se referir a este de modo despetivo, respeitoso etc. (como nos exemplos (65) e (66)) – ou qualquer que seja a emoção ou opinião que se quer expressar a respeito do referente. Esta possível preferência por um demonstrativo em vez dum clítico, faz com que não seja sempre acertado, a meu ver, qualificá-lo de técnica de substituição. No entanto, seria interessante comparar a frequência do emprego de um demonstrativo nos casos de OD nos quais também se poderia usar um clítico encontrada no corpus estudado neste trabalho, com a num

corpus de textos em PE, para verificar se haveria uma freqüência maior dos demonstrativos no PB que no PE, o que indicaria que realmente se pode considerar tal uso de um demonstrativo uma técnica de substituição do clítico.

Exemplos:

(64) (...)obrigado a quem disponibilizou **isso** na net. (COM)

(65) Baixei **isso** e conselho: não percam tempo. (COM)

(66) – Você tem uma amiga chamada Elisa? – Claro. Eu não já disse **isso**? (ROM1, p.18)

5.1.2. Outras possíveis técnicas de substituição ou supressão encontradas no corpus

Além das técnicas de substituição ou supressão mais “conhecidas”, tais como as que se analisaram acima, e também a substituição por um pronome demonstrativo, se encontraram no corpus inúmeros exemplos de *possíveis* técnicas de substituição ou supressão do clítico. O seguinte exemplo foi tirado de um blog que tem forma de diário, e é um exemplo de quando toda a estrutura sintática da oração ou enunciado em questão é alterada pela falta de clítico (ou com a intenção de evitar o clítico):

(67) Amanhã será a final, mas como também será o aniversário do JP e jantaremos fora, então provavelmente não assistiremos ao vivo, não posso esquecer de **programar para ser gravado**. (BLOG)

(PE: (...)não posso esquecer de **programar a gravadora para gravá-lo**.)

Acho este um ótimo exemplo da imensa criatividade dos brasileiros no seu esforço de evitar usar os clíticos onde tradicionalmente seria obrigatório e inevitável usá-los no PE. À primeira vista, não é fácil ver o que é que realmente é evitado ou suprimido neste exemplo. Eu diria que tanto *programar* e *gravar* faltam um complemento, de um ponto de vista tradicional. Em ambos casos este complemento seria um OD, mas não necessariamente um clítico. Já que a gravadora de vídeo – ou qualquer que seja o “dispositivo” a que a autora do texto se refere com o verbo *programar* – não foi mencionado anteriormente no texto, diria que é um caso de supressão de um

substantivo/SN (*a gravadora*), ou, se quiser, de um OD, e portanto não se trata da supressão de um clítico. Quanto ao complemento do verbo *gravar*, aqui sim é possível que se trate da supressão de um clítico (e mais especificamente de um clítico do OD), mas também existe a possibilidade de utilizar um substantivo/SN, assim que considero este caso um caso duvidoso ou “vago” que não se deixa classificar tão facilmente. A meu ver, o que se tem aqui é uma estratégia de “camuflagem” da substituição ou supressão do clítico, por meio da utilização da construção passiva *ser gravado* em vez de uma construção em que a supressão seria mais evidente. Outro exemplo do uso de uma construção passiva para – possivelmente – “camuflar” a substituição ou supressão de um clítico é o seguinte:

(68) Você escreve algum novo projeto de época esperando o momento certo **para ser lançado?** (JOR)

(PE: Você escreve algum novo projeto de época esperando o momento certo **para lançá-lo?**)

Nos seguintes dois exemplos ((69) e (70)) é muito provável que se trate de “camuflagem” da substituição ou supressão de um clítico, por meio da construção *que+pronome tônico+verbo em presente*. Estes exemplos lembram muito os casos de OD+infinitivo analisados acima (cf. o cap. 3.3.3.2.), só que nos exemplos apresentados aqui se utiliza uma oração subordinada com *que*, em vez de um infinitivo.

(69) Deixa **que eu ligo**. (ROM1 p.81)

(PE: Deixa-**me** ligar.)

(70) Então só mais uma dose, mas deixe **que eu mesmo boto**, senão você despeja meio litro dentro desse copo. (Ribeiro, p.59)

(PE: (...)**deixe-me** botar(...))

A última “possível técnica de substituição ou supressão” a ser tratada aqui, é a substituição do clítico por um SN (sintagma nominal) inteiro. Nenhum dos exemplos apresentados abaixo ((71) e (72)) podem ser considerados incorretos ou agramaticais, mas isto não significa que não se trate de casos de substituição. Também no que se refere a este tipo de casos, seria interessante comparar um corpus do PB com um corpus

do PE, para verificar se haveria uma frequência maior do uso de SNs onde também seria natural utilizar um clítico no PB que no PE.

(71) Ele falou numa “outra”, mas eu bobeei e deixei **a coisa** passar. (ROM1, p.25)

(PE: Ele falou numa “outra”, mas eu bobeei e deixei-**o** passar.)

(72) Eu ouvia irritado e impaciente, deixava **Raul** falar, (...). (ROM1, p.97)

(PE: Eu ouvia irritado e impaciente, deixava-**o** falar, (...))

Tal como foi o caso com os exemplos (69) e (70) acima, também estes casos ((71) e (72)) são casos de OD+infinitivo, o que faz pensar que a tendência que se verificou na análise quantitativa de substituir o clítico por um pronome tônico neste tipo de construções, tal vez também abrange a substituição por um SN inteiro.

5.2. CASOS DE SUPRESSÃO DE SINTAGMAS INTEIROS – SERÁ QUE SE TRATA DE UMA EXTENSÃO DO FENÔMENO DE SUPRIMIR O CLÍTICO?

Outra observação que fiz que, antes de começar com a análise, não esperava fazer, foi a que não parece ser só o clítico que é suprimido no PB. De fato, parece-me que, em alguns casos, a supressão se verifica a um nível mais geral. Encontrei vários exemplos no corpus de casos em que a supressão, a meu ver, não se referia a um clítico, mas sim a um sintagma inteiro, seja este um SN ou mesmo um SAdj ou SAdv:

(73) Um dia ele foi me visitar e não sei porquê, eu comentei que não sabia fazer “camisetinha” usando o maço(...)do cigarro, então ele pegou um box que estava quase acabando, e fez [Ø] para mim... (BLOG)

No exemplo (73) acima, acho que seria mais pertinente usar a caracterização *supressão do OD* em vez de supressão do clítico, já que, a meu ver, não faria sentido usar um clítico como complemento de *fez*, mas sim um pronome tônico ou um SN, como por exemplo *uma* (fez **uma** para mim). Porém, como também não estaria completamente errado usar um clítico em casos como este, optei por rotulá-los de supressão do clítico na análise do corpus. Já que é a substituição e supressão *do clítico* o que sobretudo interessa nesta tese, seria complicar o assunto mais do que o necessário se incluísse também a substituição ou supressão de outros elementos gramaticais. Ainda assim vale

a pena tomar em consideração a possibilidade de outros elementos também serem suprimidos (e tal vez também substituídos) no PB coloquial, o que, a sua vez, poderia contribuir para ampliar a perspectiva da problemática que se estudou aqui.

Em alguns casos, tal como nos seguintes exemplos, não é fácil saber se realmente se trata de supressão ou não:

(74) – Vocês falam sobre isso, planejam ter filhos? – Quero muito ter **[filhos]** , ele também **[quer ter filhos]**, mas não planejamos **[ter filhos]**. (JOR)

(75) (...)pessoas que assumem o que fazem, o que fizeram e por último, os que já consumiram **[drogas]**, são pessoas que estão em extinção – é muito mais fácil julgar os que utilizam **[drogas]**. (...) Nem sempre os que usam **[drogas]**, são os culpados. (BLOG)

(76) Se você, ou qualquer outro falar **[palavrão]**, fica grosseiro, se eu falo **[palavrão]** fica divertido. (JOR)

A meu ver, os exemplos (74), (75) e (76) acima ilustram muito bem a natureza do PB. Parece que, pelo menos nos registros coloquiais da língua, o “ideal” é *economizar* ou - para falar nos termos utilizados nesta tese – *suprimir* qualquer elemento que não seja estritamente necessário para a compreensão do que se deseja comunicar. Uma indicação de que esta tendência de *economização* realmente existe no PB, é, justamente, o fato de os clíticos não serem os únicos elementos a serem suprimidos ou substituídos na língua. Além da supressão de SNs, também se observou no corpus exemplos de supressão dos seguintes elementos:

- Supressão de um complemento circunstancial:

(77) Tenho sentido falta **[disso]**. (JOR)

(78) O cara estava ali porque queria, pediu para **estar [ali]**.

(79) Respeito o trabalho dele, admiro e **torço muito [por ele]**.

(80) Ia ter de aturar outra conversa de principiante, doutorzinho novo e bonzinho, mas companhia mais chata do que uma tábua de logaritmos. E pior: gentil, dedicado, estudioso e prestativo, impossível de tratar mal, que saco! E, mesmo que [o] tratasse [mal], ele [o] acharia normal, coisas que o venerável velho tinha direito de dizer ao moço. (ROM2, p.68)

- Supressão de um predicativo obrigatório:

(81) Tem também uma curta-metragem que eu dirigi que, se ficar legal, vou lançar, se não ficar [legal], vou lançar pela janela. (JOR)

(82) Quem ficou mais chocado com o que aconteceu foi o meu pai. Minha mãe também ficou [chocado], mas menos. (JOR)

(83) Se fosse para ficar deslumbrada eu já [o] estaria há muito tempo. Se não [o] foi até agora é porque não [o] vai ser. (JOR)

5.2.1. O caso do verbo *gostar*

Neste contexto, á luz da discussão apresentada acima, quero também mencionar o verbo *gostar*. Segundo a gramática tradicional, este é um verbo que se pode qualificar de *verbo transitivo indireto* (segundo, e.o., Aurélio), ou seja, tem que ser seguido da preposição *de* (*gostar+de+a.c.*). No entanto, trabalhando com os textos do corpus, descobri que esta regra tem bastantes exceções, especialmente nos registros mais coloquiais, representados no corpus pelo diálogo ou discurso direto em textos ficcionais ou não ficcionais, e também pela linguagem dos blogs e dos foros de comentários e debate na net. O seguinte enunciado apareceu varias vezes nos textos do corpus que foram encontrados num destes foros relacionado a um blog sobre música:

(84) Baixei e gostei. (COM)

A meu ver, há duas possibilidades de interpretação do uso de *gostar* neste exemplo. Já que o primeiro verbo, *baixei*, aparece sem o clítico do OD (ou seja que se trata de um caso de *supressão* do clítico do OD), e talvez também porque *gostei* vem diretamente depois de *baixei* e está no mesmo tempo e pessoa verbal, é natural supor que se trata de um caso de analogia. Ou seja, é natural supor que o que realmente acontece com o verbo

gostar – normalmente um verbo preposicionado – neste caso, é que chegou a funcionar sintaticamente de modo igual ao verbo *baixar* – verbo que não exige preposição – e portanto a falta de “OD” no caso de *gostar* aqui pode ser caracterizado também como um caso de *supressão do “OD”*. Outra possibilidade de interpretação pode ser que não se trata de supressão do clítico, mas sim de supressão de um complemento pronominal inteiro (inclusive, claro, a supressão da preposição *de*).

Outro caso que valeria a pena mencionar a este respeito, seria se quando o verbo *gostar* de fato aparecesse com um clítico, fenômeno ilustrado pelo seguinte exemplo encontrado num foro de comentários e debate encontrado num jornal on-line :

(85) Te gosto muito. (COM)

Aqui sim, acho mais provável que o uso incorreto do verbo *gostar* é resultado de uma analogia com os verbos transitivos diretos de sentido semelhante (cf. *querer*, *amar* etc.), já que no seu uso correto, *gostar* não aparece – em nenhuma circunstância – com um pronome clítico.

De fato, esta “vacilação” no emprego do verbo *gostar*, ilustrada pelos dois exemplos de acima, mostrou-se bastante freqüente nos textos do corpus. Até chegou a representar um dilema na análise dos textos e na identificação das técnicas de substituição e supressão. Como caracterizar tais casos? É supressão do clítico ou não? Cheguei à conclusão de não incluir os casos relacionados ao verbo *gostar*, principalmente porque acho que tal uso deste verbo (sem a preposição *de*) pelo menos ainda não é aceito em muitos registros do PB, mas também porque se precisaria de uma análise mais profunda deste tema do que é possível dentro do âmbito deste projeto. De qualquer forma, será interessante seguir a “evolução” do verbo *gostar* no futuro, já que parece que o uso deste verbo sem acompanhamento da preposição *de*, aparece com uma freqüência cada vez maior – pelo menos nos registros mais coloquiais do PB.

5.3. VACILAÇÃO E INCONSEQÜÊNCIAS FONÉTICAS, ORTOGRÁFICAS E SINTÁTICAS RELACIONADAS AO USO DO CLÍTICO NO PB

A meu ver, um dos indícios mais importantes de que o uso do pronome clítico não faz parte do registro cognitivo dos brasileiros na sua comunicação “dia-a-dia” – seja ela oral ou escrita – é a extensa vacilação e inconseqüência que se vê nesta área. Será que o padrão gramatical que se aprende na escola, e os “costumes lingüísticos” que se

aprendem em casa ou entre amigos se distanciaram tanto que uma certa confusão no que diz respeito ao emprego do clítico já é inevitável?

5.3.1. A substituição dos clíticos *me* e *te* pelas formas *mim* e *ti*

Uma variante interessante – embora muito rara – entre os casos de substituição do clítico, foi a de substituir simplesmente os clíticos *me* e *te* pelas formas tônicas correspondentes *mim* e *ti*. Estas formas se usam normalmente só combinadas com uma preposição. para designar OI (Ex.: Este presente é **para ti**). Os seguintes exemplos são de um foro de comentários e debate da site da internet do Globo:

(86) infelizmente não posso **ti** dar um beijo nesse dia... (JOR)

(87) vai um beijo para as três maravilha do mundo paula lauana e leonardo **ti** amo(...)
(COM 458)

(88) **mim** resta torcer para q seja solucionado esse problema

Na verdade não sei se aqui se pode falar de técnica de substituição, ou se a “substituição” de *me* e *te* por *mim* e *ti* é simplesmente um resultado de confusão ortográfica devida à semelhança fonética entre estas formas (dado que as formas *me* e *te* normalmente se pronunciam [mi] e [ti]), ou mesmo incompetência ortográfica da parte dos autores dos textos. Quanto à vacilação entre estas formas parece mostra duma confusão ortográfica por razões fonológicas entre as formas átonas *me* e *te* e as formas tônicas *mim* e *ti*. De qualquer forma acho os exemplos acima referidos muito interessantes neste contexto. Como já aponte, é provável que parte da explicação para o fenómeno de substituir e suprimir os clíticos no PB, se encontre justamente nas alterações fonológicas que esta variante da língua portuguesa tem experimentado desde a chegada dos portugueses ao Brasil. Num modo geral, parece que no PB as formas “átonas” passaram, pelo menos até certo ponto, a serem “tônicas” – mas ainda assim não tanto como as formas normalmente consideradas como tais.

A seguir se apresentarão alguns exemplos de como uma possível confusão fonética no que diz respeito ao uso dos clíticos da 3ª pessoa, seja do masculino ou do feminino, se faz evidente nos textos do corpus:

(89) Vc's teriam como **upar-lá**? (COM)

(90) O projeto é uma forma de libertar a música do radio, **guia la** numa fonte independente(...) (BLOG)

(91) Bom para começar eu gostaria de trocar minha namorada que depois de 6 anos de convivência já **ha considero** praticamente uma irmã(...) (COM)

(92) Se possível vc poderia **verificar o** pq não está aparecendo nos comentários? (COM)

5.3.2. Vacilação entre o uso e a substituição ou supressão do clítico

Uma tendência evidenciada pelos textos do corpus – e em especial nos textos tirados de foros de comentários, chat e debate – foi a vacilação ou incoseqüência no que se refere à substituição ou supressão do clítico. Em especial reparei nos casos onde se verificou uma vacilação entre duas ou mais construções com o mesmo significado, dentro do mesmo texto. Nos seguintes dois exemplos, tirados de uma entrevista com uma atriz brasileira numa site do Globo, a vacilação ocorre entre o clítico de 3ª pessoa, *a*, e a substituição deste pela forma tônica *ela*:

(93) **Deixei ela livre** para tomar a decisão sobre a profissão (JOR)

(94) E assim como a Cleo, **a deixei livre** (JOR)

Outro exemplo do mesmo tipo encontrei num foro de comentários e debate no blog de um jogador de futebol, onde um comentarista escreve o seguinte:

(95) Espero um dia voltar a **ver-te** no Porto (COM)

(96) (...)espero voltar a **ver você** no escrete também (COM)

Os exemplos (93) e (94) foram encontrados em duas “respostas” na mesma entrevista, o último refere-se de fato ao anterior. Os exemplos (95) e (96) são ambos do mesmo comentário encontrado num foro de comentários e debate, e aqui o primeiro enunciado

foi seguido diretamente pelo último. Isto quer dizer que em cada um dos casos – tanto na entrevista como no comentário – há uma espécie de referência ou ligação entre os dois enunciados comparados.

A minha impressão é que as formas clíticas, em muitos casos, existem lado a lado com as técnicas de supressão e substituição. No entanto, existe uma exceção: a 3ª pessoa em função de 2ª do OI no plural, que sempre é realizada pela preposição *a* ou para seguida pela forma tônica *vocês*, e nunca da forma clítica *lhes*. É difícil saber se o tipo de vacilação ilustrada pelos exemplos referidos é intencional ou não; será de fato uma maneira de variar ou matizar a língua, ou mostra simplesmente que as duas formas existem lado a lado em certos registros da língua, por exemplo nos registros que não são nem totalmente informais nem o contrário? É, afinal, difícil dar uma resposta clara a qual é a razão desta vacilação ou inconseqüência no uso do clítico no PB – especialmente a partir deste estudo só – mas de qualquer forma é uma tendência interessante que vale a pena tomar em linha de conta, sendo mais um indício de que a situação do clítico no PB é muito complexa e precária, e não dá para ser definida de uma maneira simples e generalizante. Uma teoria poderia ser que tal tendência é evidencia de que o PB está num estado de transição, o que por sua vez poderia indicar que uma das formas vai desaparecendo da língua, cedendo pouco a pouco lugar à outra.

6. CONCLUSÕES FINAIS

Com base nos resultados e observações apresentados neste estudo, tenta-me tirar a conclusão atrevida de que os pronomes (clíticos) focalizados não fazem parte cognitiva do registro comunicativo espontâneo, por não dizer "inato", dos brasileiros - seja qual for a sua proveniência social ou geográfica. O que sim parece fazer parte natural do "registro cognitivo" dos brasileiros, é a tendência de *economizar* a sua língua, ou seja, suprimir qualquer elemento sintático – seja este um pronome, um substantivo, um adjetivo ou um adverbio – que não seja estritamente necessário para a compreensão do que se deseja comunicar. É, tal vez, nesta tendência que se pode encontrar a explicação por que os clíticos parecem “sofrer uma morte lenta” no PB. O que sim se pode verificar com certeza, é que tanto as técnicas de substituição como as técnicas de supressão do clítico são aceitas ao pé de igualdade com os próprios clíticos nos registros mais coloquiais da língua, e existem bastantes exemplos de que estas técnicas se vão manifestando também nos registros mais formais. Tomando por exemplo os textos jornalísticos, a minha impressão é que o fato de uma parte cada vez maior dos textos jornalísticos serem publicados na internet, faz com que estes textos cheguem a fazer parte de um novo “contexto” do que era o caso antes da “era da comunicação tecnológica”. Este contexto está constituído pelo mundo democrático que é a internet, onde quem quiser pode expressar o que quiser, da forma que quiser. Acho muito provável que a linguagem relativamente formal utilizada nas notícias, artigos e colunas dos jornais vai sendo influenciada cada vez mais pelos fenômenos característicos da língua coloquial. Pois, é justamente por meio de – e por causa de – a internet e outros meios tecnológicos de comunicação que a língua espontânea ou coloquial na sua manifestação escrita, vai ganhando cada vez mais aceitação na sociedade, o que por sua vez pode ter conseqüências para as normas da língua escrita em geral.

Porém, ainda não chegou até esse ponto. O grande contraste que hoje se verifica no Brasil entre a língua que os brasileiros realmente usam no seu dia-a-dia, e a norma ensinada nas escolas, parece ocupar – e preocupar – muitos dos lingüistas que hoje se ocupam com o PB como área de pesquisa dentro ou fora do Brasil. No entanto, apesar de um certo interesse por estas questões entre lingüistas tanto brasileiros como de outros países, a “verdadeira” língua brasileira ainda não se refletiu nas gramáticas e manuais utilizadas no ensino do PB dentro e fora do Brasil. A substituição ou supressão do clítico é um ótimo exemplo disto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LITERATURA DE REFERÊNCIA

Bibliografia

- ARAÚJO, Rerisson Cavalcante, 2005: *O objeto direto anafórico em textos da web*, Revista Inventário, 4. edição (julho 2005). Disponível no web world wide em: <http://www.inventario.ufba.br/04/04rcavalcante.htm>
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 1975: *Novo dicionário da língua portuguesa*, Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira.
- CALLES, Diva Cleide, 2006: *Considerações sobre estratégias alternativas ao clítico de terceira pessoa na representação do acusativo anafórico*, Revista Letra Magna, ano 03 -n. 04, 1º Semestre de 2006.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de e BASILIO, Margarida (orgs.), 1996: *Gramática do português falado*, Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de, 2000: *Seria a língua falada mais pobre que a língua escrita?*, Piraciacaba, SP: Impulso, v.12 n.27.
- COUTO, Jorge, 1997: *A construção do Brasil: ameríndios, portugueses e africanos do início do povoamento a finais de quinhentos*, 2ª ed. Lisboa: Cosmos.
- FIGUEIREDO, Maria Cristina Vieira, 2006: *O objeto anafórico no dialeto rural afro-brasileiro do estado da Bahia*, UFBA/PPGL: Revista Inventário. 5. ed., mar/2006. Disponível no web world wide em: <http://www.inventario.ufba.br/05/05cfiqueiredo.htm>.
- GUIMARÃES, Eduardo: *A língua portuguesa no Brasil*, Ciência e Cultura, vol. 57 no.2, São Paulo, 2005.
- KATO, Mary A.; ROBERTS, Ian (orgs.), 1993: *Português brasileiro: Uma viagem diacronica – Homenagem a Fernando Tarallo*, Campinas (SP): Editora da Unicamp.
- MACHADO, Patrícia, 2006: *Brasil, meu Brasil brasileiro!*, Revista Letra Magna, ano 03 -n. 04, 1º Semestre de 2006.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virginia: *O português brasileiro*, Disponível no web world wide em:

<http://www.instituto-camoes.pt/CVC/hlp/hlpbrasil/index.html>

- PERINI, Mário A., 2001: *A língua do Brasil amanhã*, Ciência Hoje, 01 fev. 2001.
- PRETI, Dino, 1977: *Sociolinguística: Os níveis de fala – Um estudo sociolinguístico do diálogo literário*, São Paulo: Companhia Editoria Nacional.
- RIBEIRO, Anderson da Silva, (?): *Da perda dos clíticos no falar coloquial do Rio de Janeiro*, Universidade Estadual do Rio de Janeiro.
- SCHEI, Ane, 2003: *A colocação pronominal do português brasileiro – a língua literária contemporânea*. São Paulo: Humanitas.
- SILVA NETO, Serafim da, 1977 (4ª ed.): *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*, Rio de Janeiro: Presença.
- TEYSSIER, Paul, 1982: *História da língua portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa.
- THOMAS, Earl W., 1995 (1ª ed.: 1979): *A Grammar of Spoken Brazilian Portuguese*, Nashville: Vanderbilt University Press.

Gramáticas

- TEYSSIER, Paul, 1989: *Manual de língua portuguesa (Portugal-Brasil)*. Coimbra Editora.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley, 1984: *Nova gramática do português contemporâneo*, Edições João Sá de Costa, Lisboa.

TEXTOS ANALISADOS

1) Comunicação textual na internet (COM/BLOG)

- <http://www.musicoteca.blogspot.com/>
- <http://www.mercadodepulgas.blogspot.com/>
- <http://spacedudamolinos.spaces.live.com/blog/>
- <http://spacemarianafelicio.spaces.live.com/blog/>
- <http://spaceluisfabiano.spaces.live.com/blog/>
- <http://spacethiarapalmieri.spaces.live.com/blog/>
- <http://spacefelipedylon.spaces.live.com/>
- <http://www.brunasurfistinha.com/blogs/>
- <http://mothern.blogspot.com/>

2) Textos jornalísticos (JOR/REV)

- <http://g1.globo.com/noticias/>
- <http://www.pan2007.globo.com/>
- <http://www.globoesporte.globo.com/>
- <http://ego.globo.com/Entretenimento/Ego/Entrevista/>
- <http://www.revistaepoca.globo.com>
- <http://www.revistagloborural.com>

3) Textos ficcionais (ROM1/ROM2)

- FONSECA, Rubem, 1994 (1a ed.: 1983): *A grande arte*, Sao Paulo: Editoras Schwarcz LTDA. **(ROM1)**
- RIBEIRO, João Ubaldo 1989: *O sorriso do lagarto*, Lisboa: Caminho. **(ROM2)**